

570
L. 127/35-13
CADERNOS DA «SEARA NOVA»

TEXTOS LITERÁRIOS

PLUTOS

(COMÉDIA DE ARISTÓFANES)

LISBOA
«SEARA NOVA»

1935

Shi

L

27135 13

PLUTOS

Composto e impresso na Tip. da SEARA NOVA—Calçada do Tejolo 37-A.



DEP. LEG.

CADERNOS DA «SEARA NOVA»

Lo
27/35-13

TEXTOS LITERÁRIOS



R. 127084

PLUTOS

(COMÉDIA DE ARISTÓFANES)

LISBOA
«SEARA NOVA»

1935



PLUTOS
1878

1878

PLUTOS

PLUTOS

PLUTOS



ARISTÓFANES. — Aristófanes, um dos convivas no famoso *Banquete* de Platão, foi o mais célebre comediógrafo da Grécia antiga. As datas do seu nascimento e da sua morte não são bem conhecidas, mas alguns indícios conduzem a fixá-las, com grandes probabilidades de acerto, em 452 e 387, respectivamente. Sobre a terra da sua naturalidade, subsistem dúvidas, também. Suidas apresenta-o como tendo nascido na ilha de Rodes; outros autores, apoiando-se num passo da comédia *Acarnânios* (parábase), consideram-no natural de Êgina; e, segundo uma biografia anónima, nasceu em Atenas. É certo que Aristófanes foi acusado de usurpar os direitos de cidadão ateniense; mas essa acusação parece constituir, até, um elemento de prova a favor da sua naturalidade ateniense, porquanto nunca foi privado desses direitos a-pesar da poderosa influência que exerciam os seus adversários. Basta lembrar que entre eles figuravam Cléone, chefe do partido popular depois da morte de Péricles, e os sofistas, cuja preponderância social era considerável. A circunstância de Aristófanes dirigir as suas mais acerbas ironias, os ataques mais contundentes, contra os altos magistrados, ridicularizar os tribunais, as assembleas, as cerimónias religiosas e os próprios deuses, tudo o que Atenas tinha por venerável e representava motivo de orgulho para os seus cidadãos, parece confirmar tal ilacção.

Na verdade, repugna acreditar que o povo ateniense, cioso das suas prerrogativas, permitisse a um estrangeiro

uma atitude tão desrespeitosa para com os seus representantes e as suas instituições. De-certo o orgulho ateniense, tantas vezes posto à prova, não se compadecia com semelhante audácia. Uma das acusações feitas a Aristófanes foi, precisamente, a de ridicularizar o povo ateniense na comédia *Babilónios* perante os estrangeiros das cidades aliadas que vinham pagar os respectivos tributos por altura das Dionísias da primavera. Na comédia *Acar-nânios*, representada no ano seguinte, Diceópolis, a personagem que exprime o pensamento do autor, exclama:

« — Cléone arrastou-me até o Senado e com terríveis clamores vomitou contra mim torrentes de injúrias e de calúnias; pouco faltou que eu não percesse no tremedal em que me mergulhou... Cléone não me acusará hoje de dizer mal de Atenas diante de estrangeiros: estamos sós; celebram-se as festas Leneanas; os estrangeiros ainda não vieram; não é a altura de trazer os tributos e os nossos aliados das cidades não chegam».

Estas palavras mostram bem que, com dobrada razão, a um estrangeiro não seriam permitidos os motejos sangrentos, os comentários picarescos, com que Aristófanes flagela a vida de Atenas. E a coragem com que afronta o ódio de Cléone espicaçando-o a ponto de se não limitar a alusões ligeiras mas fazê-lo desempenhar, na comédia *Cavaleiros*, um papel de que o próprio Aristófanes teve de encarregar-se, muito imperfeitamente caracterizado por não ter conseguido actor que se dispuzesse a representá-lo nem artista que se atrevesse a fazer a sua máscara, deve atribuir-se à confiança de quem exerce um direito legítimo e inalienável de cidadão, usando daquela plenitude de liberdade crítica que é a mais pulcra efloração do espírito ateniense e constitue a grande superioridade moral dos regimes democráticos. E note-se que esta comédia foi representada em 426, nas festas Leneanas, cêrca de sete meses depois da vitória de Pílos que tanto elevou Cléone aos olhos dos atenienses.

Não queremos dizer com isto que o regime político de Atenas fôsse uma autêntica democracia: era, sim, uma oligarquia mitigada com tendências democráticas: os privilégios fundamentavam-se nos direitos restritos de cidadania, que não nos direitos naturais da pessoa humana. Os escravos estavam, por condição, excluídos de qualquer direito, e os domiciliados (*metecos*), ainda que naturais, viam-se privados do título de cidadãos e das regalias que lhe eram inerentes. Todavia, nos momentos difíceis, quando a segurança pública assim o reclamava, eram admitidos, aos direitos de cidade, estrangeiros, domiciliados e até mesmo escravos. Esta extensão dos direitos de cidadania era, porém, imposta pela fôrça das circunstâncias e por isso não se observava apenas nas cidades democráticas, embora nestas fôsse mais freqüente.

A tradição ateniense, antes dos meados do séc. v, era favorável à admissão de estrangeiros nos *demos*. Solon e Clístenes fizeram inscrever na lista dos cidadãos atenienses grande número de estrangeiros, de domiciliados e de escravos (Plutarco, *Solon*, 24; Arist., *Política*, III, 1, § 10). Mas no período de maior prosperidade económica, quando o império marítimo se dilatou, as vantagens correspondentes ao título de cidadão eram tão grandes que só em casos excepcionais êle se concedia, procedendo-se repetidas vezes à revisão geral dos registos cívicos para excluir os que indevidamente o possuissem. Péricles excluiu dos direitos de cidadania os que não fôsem filhos de pai e mãe atenienses (*As aves*, V. 1660).

No entanto, depois da vitória de Arginusas, em 406, foram conferidos direitos de cidadãos aos *metecos* que haviam prestado serviço na armada como remadores; e em 401 foram reconhecidos os mesmos direitos aos que contribuíram para restabelecer a democracia (Aristóf., *As Rãs*; Arist., *Constit. de Atenas*, 40-2). A guerra do Peloponeso contribuiu também bastante para melhorar a situação dos escravos que facilmente podiam passar-se para

o campo inimigo. Na comédia *Nuvens* uma das personagens, Estrepsíado, amaldiçoa a guerra, porque lhe tira os meios de castigar os escravos.

Supõe-se que a família de Aristófanes era originária de Rodes, servindo êsse facto de fundamento às acusações que lhe foram feitas pelos seus adversários. A alusão feita na parábase de *Acarnânios*, à ilha de Égina interpreta-a o Escoliasta como referindo-se à naturalidade de Calístrato, o actor que representava a peça. Das cinquenta e quatro comédias que Suidas lhe atribue restam apenas onze: *Acarnânios*, *A Paz* e *Lisistrata* em que condena a guerra do Peloponeso; *Cavaleiros*, sátira dirigida contra Cléone e os demagogos; *As Nuvens*, em que procede à crítica filosófica, fazendo de Sócrates o representante dos sofistas e pondo em opposição os dois sistemas de educação — o antigo, constituído pela gramática, música e gymnástica, e o moderno, em que se cultivava a retórica; *As Vespas*, comentário satírico ao funcionamento dos tribunais, ridicularizando os atenienses pela mania dos processos e dos julgamentos; *As Festas de Demeter* e *As Rãs*, em que faz a crítica da tragédia e ridicularisa Eurípides; *As Aves*, alegoria representativa de uma cidade edificada nas nuvens pelas aves, com intuitos de crítica social; *A Assembleia das Mulheres*, crítica irónica da teoria da comunidade dos bens e do amor livre; *Plutus*, em que se ocupa do problema da distribuição das riquezas.

As comédias de Aristófanes constituíam um documentário bastante elucidativo sobre a vida ateniense, de tal modo que, quando Denis de Siracusa quis conhecê-la, Platão não encontrou nada de melhor que enviar-lhas. A comédia *Babilónios* (427), que se perdeu, foi a primeira que Aristófanes apresentou com seu próprio nome. As anteriores figuravam com os nomes de Calístrato e Filónido, actores que nelas desempenhavam os principais papéis, como o próprio poeta diz na parábase das *Ves-*

pas. Na comédia *Cavaleiros* (425) estreou-se como actor por não ter conseguido quem se encarregasse do papel de Cléone.

Aristófanes fêz do hemi-ciclo da comédia uma verdadeira tribuna política. O seu estilo, duma admirável fluidez e elegância, a vivacidade e perfeição do diálogo, a subtilidade da ironia, a mordacidade dos comentários, a sua prodigiosa riqueza verbal, o seu extraordinário poder imaginífico, o refinado sentido do cómico, a ductilidade da linguagem, a audácia de certas inovações, o emprêgo freqüente de expressões equívocas, a crueza de certas obscenidades, tudo contribuia para o tornar admirado e querido do povo que quasi sempre lhe conferiu o primeiro prémio nas representações. Apenas a comédia *Nuvens* obteve mau acolhimento do público tanto na primeira representação que dela se fêz e que levou o poeta a lastimar-se na parábase da edição que chegou até nós, como na segunda em que os primeiros prémios foram concedidos a Cratino e Amípsias. Nas *Aves* obteve o segundo prémio, tendo sido o primeiro attribuído a Amípsias e o terceiro a Frinicus.

A paixão política sobreleva em Aristófanes o claro e sereno espirito de justiça. Pertencendo ao partido aristocrático, os seus ataques mais veementes dirigem-se contra os chefes do partido popular e os altos magistrados da democracia. Em *Acarñânios* vilipendia Lamacos, nomeado estrateja por sufrágio, para depois o exaltar como grande general e herói (*Festas de Demeter*, V. 849; *Rãs*), quando êle se fêz adversário da democracia. Aristófanes considera o mercado «a escola donde saíram os homens de hoje» (*Cavaleiros*) — a escola da impudência, como diz uma das personagens.

Os demagogos que, depois da morte de Péricles, estavam à frente dos negócios públicos eram pequenos commerciantes: Eucrates, commerciante de estopa; Lisicles, negociante de gados; Cléone, correeiro; Hipérbolus, comer-

ciante de lanternas. Realmente a democracia ateniense estava em crise. Na primeira fase do desenvolvimento comercial, a grande propriedade tinha-se fragmentado, mas a nova função crematística, aumentando consideravelmente a riqueza mobiliária e promovendo a concentração do capital, reconstituiu-a. A guerra do Peloponeso consumia todos os recursos do Estado. Suspenderam-se as obras públicas de embelezamento da cidade ficando sem trabalho os artistas e artífices que nelas se ocupavam. O trabalho dos escravos fazia uma concorrência esmagadora ao trabalho livre reduzindo os cidadãos pobres a uma vida humilhante e miserável. Aumentava cada vez mais o número dos indigentes, enquanto os ricos viviam uma vida de ociosidade e de prazer.

A classe média em que Solon se tinha apoiado para realizar a sua reforma política, havia desaparecido e não era possível equilibrar uma sociedade constituída por duas classes antagónicas. O poder político estava nas mãos do povo, mas os adversários da democracia disputavam a potência económica. Aos pobres restava apenas a esperança de ser designados pela sorte para desempenhar qualquer função pública, ou receber o míngua salário reservado aos primeiros que compareciam na Pnix, a perspectiva de participar nas distribuições públicas da carne das vítimas sacrificadas, em honra dos deuses, nas festas solenes, ou do trigo que Atenas recebia como presentes diplomáticos. E, quando estes recursos faltavam, não havia outro remédio senão mendigar às portas dos nédios burgueses as migalhas dos banquetes em que consumiam o tempo, ou às opulentas cortezãs uma pequenina parcela das suas dissipações.

A assistência social impunha-se como uma necessidade e era aos tribunais que competia arranjar á custa de multas e de confiscações, os fundos indispensáveis para mantê-la. Os ricos não queriam ceder terreno e os pobres não se resignavam a morrer de fome. O partido aristo-

crático disputa ao partido popular o poder político com sanha feroz, ainda que para vencer tenha de alienar os mais altos interesses do império pondo-se ao serviço de Esparta. As lutas sociais agravam-se. A crua realidade mostrou a inconsistência dos direitos políticos quando a organização social fôsse desfavorável ao seu exercício. A teoria política era inconciliável com a estrutura social existente. Uma delas tinha de ser destruída. A igualdade política é uma utopia para os que vivem na dependência do capital; e a liberdade resulta precária quando se não disponha de condições económicas suficientes para exercê-la. Assim, o problema económico toma, na política interna de Atenas, uma importância fundamental.

Surgem então as teorias socialistas procurando reorganizar a sociedade em novas bases. Mas a política tinha-se convertido em profissão e os oradores demagógicos procuravam, sobretudo, conquistar a simpatia e confiança do povo com simples paliativos porque só a miséria popular poderia manter o seu prestígio e consolidar as suas posições. Assim se compreende que aos próprios demagogos não interessavam as ideias socialistas. A situação agrava-se, porém, consideravelmente, quando, após a derrota de Aegos-Potamos⁷(404) e a traição do partido aristocrático, o vencedor faz suspender a construção de navios e a ruína do império marítimo diminui o número de funcionários públicos e suprime as guarnições atenienses nas cidades aliadas. A multidão dos desempregados cresce. A onda revolta alastra. O governo dos Trinta, imposto por Esparta, não consegue manter-se. Trasíbulo, com os democratas exilados que escaparam à matança e o auxílio do povo de Atenas, expulsa os tiranos e restabelece a democracia. Concede uma generosa amnistia pacificadora, mas não resolve o problema económico.

O «PLUTOS». — Em *Plutos* ocupa-se Aristófanes da forma caprichosa como o deus procede à distribuição das

riquezas dispensando aos maus os seus favores e esquecendo-se dos homens de bem. Crémilo, em presença do panorama que Atenas lhe oferece, chega à conclusão que a riqueza é privilégio dos sacrílegos, dos vis oradores, dos sicofantas, dos biltres, mas decide-se a consultar o oráculo de Apolo para saber qual a conduta que mais convém ao filho para alcançar a felicidade. Por indicação do oráculo segue Plutos e propõe-se restituir-lhe a vista para que êle possa visitar as pessoas honestas e fugir dos maus. O pior é que se Plutos não consegue ver pessoas de bem, porque é cego, Crémilo, embora tenha vista, também as não vê. Êle próprio pretende que o deus lhe encha a casa de riquezas «por todos os meios, bons ou maus».

Admirável sátira ao espírito burguês! A riqueza é a única medida dos valores sociais. O próprio Plutos reconhece que as pessoas honestas mas pobres são bem fracas auxiliares, quando se trata de restituir-lhe a vista.

O poder de Plutos é superior ao de Zeus. Tudo depende da riqueza. Blepsídemo confirma que todos os homens são escravos do dinheiro, e, supondo que a inesperada riqueza de Crémilo provém de um furto, dispõe-se a receber amigavelmente a sua parte e a subornar os oradores para evitar o escândalo. A seus olhos, a Pobreza é o mais terrível dos monstros. Os agricultores, que vivem nos campos uma vida miserável, acodem ao chamamento de Crémilo. Fazem-se os preparativos para conduzir Plutos ao templo de Asclépios a-fim-de recuperar a vista, mas a Pobreza, que se vê ameaçada de ser expulsa da Grécia, surge para fazer a sua apologia, reclamando para si a origem de todos os bens e apresentando-se como o único estímulo do trabalho, a verdadeira fonte da riqueza.

Crémilo aceita esta tese, mas, como bom ateniense, entende que todos os trabalhos podem ser executados pelos escravos. Para demonstrar a sua superioridade moral em relação a Plutos, a Pobreza aponta o exemplo dos oradores demagógicos que, depois de enriquecerem

com os despojos públicos, traem o povo e atacam o governo democrático.

Restituída a vista a Plutos, um sicofanta arruinado pretende vingar-se do deus acusando-o de conspirar contra a república. Uma velha, cuja fortuna lhe permitia gozar as complacências de um mancebo pobre, lamenta que Plutos o tivesse visitado, privando-a assim desse prazer. Hermes, esfomeado por terem cessado os sacrifícios, abandona a companhia dos deuses e instala-se em casa de Crémilo declarando que a «pátria existe onde quer que se encontre a felicidade». E o próprio sacerdote de Zeus, vendo o templo vazio e sentindo-se privado das oferendas, consagra-se ao culto de Plutos.

Esta comédia foi representada pela primeira vez em 409, sob o arcontado de Diócles e obteve uma nova representação em 390 no arcontado de Antipater. Tal como chegou até nós, parece ser composta das duas edições. As referências feitas a Trasíbulo e à guarnição ateniense de Corinto mostram que não se pode tratar da primeira edição. Por outro lado, os ataques pessoais que nela se encontram levam a supor que a parte correspondente não pertence à segunda edição por ser, nesta época, rigorosamente proibido designar, em cena, qualquer cidadão pelo seu nome. Não apresenta parábases, que era uma parte característica da antiga comédia política; e o côro desempenha um papel menos importante que nas comédias anteriores.

L. V.

PERSONAGENS: **Carion**, escravo — **Crémilo**, cidadão ateniense — **Plutos** — **Côro de camponêses** — **Blepsidemo**, amigo de Crémilo — **A Pobreza** — **A mulher de Crémilo** — **Um homem de bem** — **Um sicofanta** — **Uma testemunha** — **Uma velha** — **Um rapaz** — **Hermes** — **Um sacerdote de Zeus**.

CARION — ¡Por Zeus e por todos os deuses, que triste condição a de escravo dum senhor demente! Por melhores conselhos que um servo dê, se o senhor não está disposto a segui-los, o servo não sofre menos por isso. A fortuna não nos permite dispor dêste corpo que possuímos; ela dá-o a quem nos compra. Mas deixemos êste discurso. Apolo (1),

(1) Apolo, o deus da música e da poesia, dava os seus oráculos por intermédio das Pítias e sacerdotes que tinha ao seu serviço nos templos que lhe eram consagrados. A inspiração profética era, para os gregos, uma espécie de inspiração poética (talvez por os oráculos serem geralmente dados em verso) e porisso constituia uma das atribuições do deus. Dos vinte templos que tinha na Grécia, o mais famoso era o de Delfos, na Fócida, encerrado só no século IV da nossa era por um decreto de Teo-

que dá oráculos na sua trípode de oiro, conduz-se muito mal em minha opinião. Êle é médico e profeta hábil, dizem; e, todavia, o meu senhor, que vem de o consultar, volta mais louco que nunca e deixa-se conduzir por um cego ao contrário do que devia succeder, porque aos que têm vista é que compete guiar os cegos. Porém, êle segue-os e obriga-me a fazer o mesmo, sem ao menos me dar satisfações. Não, meu senhor, jamais me calarei se me não explicares porque seguimos êste homem: atormentar-te-ei sem descanso, e não poderás bater-me porque tenho a coroa (1) na cabeça.

dósio (Plutarco — *Da cessação dos Oráculos*). Tácito, referindo-se ao oráculo de Apolo de Claros, na Jónia, diz: «O intérprete do deus não é uma mulher como em Delphos: é um sacerdote escolhido em certas famílias e ordinariamente em Mileto. Êle pergunta apenas o número e o nome das pessoas que se apresentam; depois, desce a uma gruta e bebe água duma fonte misteriosa. Êste homem, alheio as mais das vezes às letras e à poesia, responde em verso às perguntas que lhe fazem mentalmente.» (*Anais*, l. II, § 54). Sôbre o papel que os oráculos desempenhavam na antiguidade, veja-se a *Histoire des Oracles* de Fontenelle.

(1) A Pítia dava os oráculos sentada na trípode e costumava mastigar fôlhas de loureiro que as experiências modernamente effectuadas pelo Dr. Kerner (*La voyante de Prévorst*) mostraram ter acção hipnótica. Além disso, os oráculos ficavam geralmente situados em locais cujo solo produzia emanações gasosas e que de-certo exerciam

CRÉMILO — Não, mas é que eu tiro-te a coroa, se me enfadas, e terás de sofrer mais por isso.

CARION — Pouco me importa! Não desistirei sem que me digas que homem é êste. E é verdadeiramente no teu interêsse que to pergunto.

CRÉMILO — Pois bem! Não to ocultarei, visto que, dos meus servos, és tu o mais fiel e o mais discreto (1). Eu, homem religioso e honesto, era pobre e desprezível.

também influência hipnótica (Plutarco — *Da cessação dos Oráculos*; Diodoro, XVI, 26). Como o loureiro era a árvore consagrada a Apolo, os que vinham de receber seus oráculos traziam na cabeça uma coroa de louros; e enquanto a conservassem mantinham-se santificados e gozavam de tôdas as imunidades, ainda que fôsem escravos. Sofócles na tragédia *Edipo Rei* (v. 82) e Eurípides em *Hipólito* (v. 792) referem-se ao mesmo privilégio.

O uso de coroas era muito freqüente entre os gregos, variando o seu significado conforme a natureza das plantas com que eram entrecidas e dando lugar a um comércio bastante activo. Os noivos coroavam-se com « o branco gergelim, o mirto, papoilas e a perfumada hortelã » (Aristóf. — *As Aves*); os oradores cingiam a fronte com coroas de mirto antes de falarem em público (id. — *Festas de Ceres*; *Assemblea das mulheres*, v. 131, 147, 163); os convivas coroavam-se para tomar parte nos banquetes (id. — *As Aves*); e as cerimónias religiosas reclamavam também freqüentemente o uso de coroas (id. — *As Nuvens*; *Lisistrata*).

(1) A palavra grega empregada significa também « o mais ladrão », segundo Artaud, de cuja tradução francesa nos servimos.

CARION — Já sei.

CRÉMILO — A riqueza era para os sacrílegos, os vis oradores, os sicofantas (1), os biltres.

CARION — Acredito.

CRÉMILO — Fui então consultar o deus, não por mim, que via já a minha triste carcassa esgotada, mas por meu único filho, a-fim-de saber seêle devia mudar de conduta e tornar-se velhaco, injusto, celerado, pois parecia que êste caminho era o da felicidade.

CARION — ¿Que respondeu Apolo, do meio das suas coroas?

CRÉMILO — Vais ver. O deus ordenou-me que seguisse a primeira pessoa que encontrasse à saída do templo, que a não abandonasse e a empenhasse a acompanhar-me a casa.

CARION — ¿E quem foi que encontraste primeiro?

CRÉMILO — Êste homem.

(1) O significado literal da palavra é «o que denuncia os figos». Sobre a sua origem há duas versões: uma, segundo a qual era proibida a exportação de figos da Ática e as multas aplicadas aos contrabandistas beneficiavam os denunciantes; outra, que pretende referir-se ao roubo dos figos das figueiras sagradas, numa época de fome, e aos que denunciaram os autores do sacrilégio temendo a cólera dos deuses. Mais tarde, porém, quando a actividade comercial superou a vida agrícola e a burguesia conquistou aos *eupátridas* tôdas as regalias de que anteriormente estava privada, os sicofantas passaram a constituir uma fauna muito numerosa, visto que se tinha alargado consideravelmente o campo em que podiam exercer as suas funções.

CARION — ¡ Oh grandíssimo estúpido! ¿ Pois não comprehendes o pensamento do deus que te diz, nos termos mais claros, que eduques teu filho nos costumes do país?

CRÉMILO — ¿ Porque pensas tu assim?

CARION — É que é evidente, mesmo para um cego, que não fazer nada de honesto é o que há hoje de mais proveitoso.

CRÉMILO — Não pode ser êsse o sentido do oráculo; êle deve ter um objectivo mais elevado. Preguntando a êste homem quem êle é e qual o motivo por que vai connosco, poderemos conhecer o sentido do oráculo...

CARION — Vamos, dize-nos depressa quem és, ou passaremos a vias de facto. Fala depressa.

PLUTOS — Far-te-ei arrepender.

CARION — ¿ Ouviste a resposta dêle?

CRÉMILO — Foi a ti que êle se dirigiu, não a mim; ¡ interrogaste-o de um modo tão grosseiro e tão áspero! Meu amigo, se gostas de tratar com um homem honesto, responde-me.

PLUTOS — ¡ Vai para os infernos!

CARION — Agradece ao deus o homem e o pre-ságio que te envia.

CRÉMILO — Por Demeter! tu não rirás por muito tempo.

CARION — Se não falas desanco-te sem piedade.

PLUTOS — Meus amigos, deixai-me tranqüilo.

CRÉMILO — De modo algum!

CARION — Eis, meu senhor, o melhor partido a

tomar. Eu vou desembaraçar-me dêste miserável. Conduzi-lo-ei à beira dum precipício, deixo-o lá e vou-me embora para que caia e se mate.

CRÉMILO — Leva-o depressa.

PLUTOS — Não, não!

CARION — Respondes?

PLUTOS — Mas, em vós sabendo quem sou, tenho a certeza de que me ofendereis e não me largareis de nenhum modo.

CRÉMILO — Sim, isso dependerá de ti.

PLUTOS — Começai, pois, por me largar.

CRÉMILO — Pronto.

PLUTOS — Escutai então, já que é preciso dizer o que havia pensado encobrir: eu sou Plutos.

CRÉMILO — Oh! o mais celerado dos homens! Pois quê! ¿tu és Plutos e estavas tão calado?

CARION — ¿Tu, Plutos, neste estado miserável?

CRÉMILO — ¡Oh Apolo, deuses e génios, oh Zeus! que dizes tu? és realmente Plutos?

PLUTOS — Sim.

CRÉMILO — Êle próprio?

PLUTOS — Êle mesmíssimo.

CRÉMILO — ¿Donde vens, pois, tão porco?

PLUTOS — De casa de Patroclo (1) que jamais tomou banho desde que existe.

(1) Ateniense rico cuja avareza era proverbial. Segundo o Escoliasta, Patroclo não tomava banho para imitar os costumes dos lacedemónios que, nessa época, tinham em Atenas grande número de admiradores, a avaliar pelo que diz o próprio Aristófanes (*Aves*, v. 1269).

CRÉMILO — ¿ E quem te cegou ? dize-me.

PLUTOS — Foi Zeus, com a sua inveja pelos homens. Criança ainda, ameacei-o de visitar apenas os homens justos, sábios e virtuosos. Então êle cegou-me para me impedir de os reconhecer — tão invejoso é das pessoas de bem.

CRÉMILO — Todavia, os homens de bem e os justos são os únicos que o honram.

PLUTOS — É verdade.

CRÉMILO — Pois bem, vejamos : ¿ se recuperasses a vista fugirias dos maus, de ora avante ?

PLUTOS — Seguramente.

CRÉMILO — ¿ Irias procurar então as pessoas de bem ?

PLUTOS — Sem dúvida, que há muito não vejo nenhuma.

CRÉMILO — Isso não tem nada de extraordinário, porque eu, que tenho vista, também as não vejo.

PLUTOS — E agora deixai-me ir ; sabeis já tudo quanto me diz respeito.

CRÉMILO — Isso é que não ; agora menos que nunca.

PLUTOS — ¿ Não dizia eu bem que me causaríeis dissabores ?

CRÉMILO — Eu te suplico, deixa-te enternecer ; não me abandones : por mais que procures, não encontrarás homem melhor que eu. Não, por Zeus, aí não há outro ; sou único.

PLUTOS — Todos dizem a mesma coisa ; mas, depois que me possuem e se tornam ricos, a sua perversidade não mais tem limites.

CRÉMILO — É verdade, mas nem todos êles são maus.

PLUTOS — Sim, todos sem excepção.

CARION — Tu pagar-mas-ás.

CRÉMILO — Ao menos é preciso que conheças as vantagens que terás se ficares connosco. Escuta. Com o auxílio dos deuses, tenho esperança de curar a tua enfermidade e restituir-te a vista.

PLUTOS — Não penses nisso; eu não quero recuperar a vista.

CRÉMILO — ¿ Que dizes tu ?

CARION — Êste homem nasceu para ser desgraçado.

PLUTOS — Zeus, sei-o bem, quando soubesse da loucura dêles esmagar-me-ia.

CRÉMILO — ¿ Não lhe basta o deixar-te andar assim às cegas ?

PLUTOS — Não sei, mas tenho muito mêdo dêle.

CRÉMILO — Realmente? Oh! o mais cobarde dos deuses! ¿ Que poderiam a realeza de Zeus e os seus trovões se recobrasses a vista, que mais não fôsse por instantes ?

PLUTOS — Ah! desgraçado, não digas isso.

CRÉMILO — Escuta um pouco: provar-te-ei que és muito mais poderoso que Zeus.

PLUTOS — Eu, dizes tu ?

CRÉMILO — Sim, pelo céu! ¿ Em primeiro lugar, quem dá a Zeus autoridade sôbre os deuses ?

CARION — O dinheiro, porque êle tem muito.

CRÉMILO — Pois bem! ¿ E quem lhe dá êste dinheiro ?

CARION — Plutos.

CRÉMILO — ¿E a quem deve êle os sacrificios que se lhe oferecem? ¿ não é a Plutos?

CARION — É verdade; é sempre a riqueza que se lhe pede.

CRÉMILO — É, portanto, Plutos a causa disso; e, se êle quisesse, os sacrificios acabariam prontamente.

PLUTOS — ¿ Como era isso?

CRÉMILO — Nenhum homem daqui em diante poderia oferecer nem boi, nem bôlo, ou a coisa mais insignificante, se tu o não quisesse.

PLUTOS — Como?

CRÉMILO — Como! ? é que ninguém teria dinheiro para as comprar se tu não lho desses. Que Zeus te irrite, e tu, só, destruirás o seu poderio.

PLUTOS — ¿ Que dizes tu? ¿ eu é que sou a causa de que se lhe sacrifique?

CRÉMILO — Sem dúvida. Os homens não têm nada de magnífico, de belo, de agradável que de ti não venha: tudo depende da riqueza.

CARION — Eu, por exemplo, foi em troca de um pouco de dinheiro que me tornei escravo, por ter sido menos rico que o meu dono.

CRÉMILO — ¿ Que se conta das cortesãs de Corinto (1)? Se um pobre as procura, elas não fazem

(1) Corinto era afamada pelo número e opulência das suas cortesãs. Os mercadores de escravos traziam aos

caso dêle; mas se é um rico que se apresenta, prodigalizam-lhe suas carícias.

CARION — Os rapazes fazem outro tanto: é o dinheiro, e não o amor, que os guia.

cais da cidade escravas de extraordinária beleza vindas das ilhas do mar Egeu, de Tenedos e de Lesbos, das costas da Ásia Menor, de Abidos e de Mileto, ou de outras regiões mais distantes, de Chipre e da Fenícia, lá onde a mitologia fêz nascer a própria Afrodite da espuma das ondas. Mas, entre tôdas, as que atingiam mais alta cotação no mercado eram as fenícias e as lésbias, voluptuosas e requintadas. No número dos presentes que Agamemnon prodigaliza a Aquiles figuram « sete escravas vindas de Lesbos e que ultrapassam em beleza tôdas as mulheres » (*Iliada*, IX). Grande parte dessas cortesãs eram consagradas a Afrodite, sustentando o templo da deusa com o rendimento da prostituição e conseguindo amealhar o suficiente para comprarem a libertação. Píndaro refere-se, numa *Ode*, a um tal Xenofonte que consagrou cinqüenta hetairas a Afrodite por ter ficado vencedor nos Jogos Olímpicos: « ¡Oh soberana de Chipre! Xenofonte acaba de trazer ao teu bosque sagrado cinqüenta formosíssimas mulheres!... Oh mulheres formosas que recebeis e acolheis os estrangeiros e lhes concedeis uma suave e encantadora hospitalidade, oh sacerdotizas da deusa Pitos na rica e esplêndida Corinto!... » No tempo de Estrabão havia em Corinto, no templo de Afrodite, mais de mil cortesãs. Algumas delas, depois de libertas, chegavam a alcançar fortunas fabulosas que lhes permitiam viver na máxima ostentação dissipando somas consideráveis em presentes à deusa e edificando-lhe templos magnificentes. Corinto era a cidade da perdição e da ruína. Uma personagem da comédia *Cecropes* de Eubulo queixa-se de lá lhe ter ficado a camisa.

CRÉMILO — Pelo menos os infames, porque os homens honrados não aceitam dinheiro.

CARION — ¿ Que aceitam êles então ?

CRÉMILO — Um, recebe um belo cavallo ; outro, cães de caça.

CARION — Como se envergonham, sem dúvida, de pedir dinheiro, cobrem a sua infâmia com outro nome.

CRÉMILO — É a ti que se deve o aparecimento de todos os officios e de tôdas as invenções : um, sentado na sua officina, talha o coiro . . .

CARION — Outro, trabalha o bronze ; outro, ainda, afeiçoa a madeira.

CRÉMILO — Êste acrisola o oiro que recebeu de ti.

CARION — Aquele, rouba nos caminhos ; aquele outro escala paredes.

CRÉMILO — Um é pisoeiro.

CARION — Outro lava lãs.

CRÉMILO — Aqui curtem-se coiros ; além vendem-se cebolas.

CARION — Um outro, apanhado em adultério, é pelado por tua causa.

PLUTOS — Oh Céus ! Eu ignorava tudo isso.

CARION — ¿ Não é êle que inspira tanto orgulho ao grande rei (1) ?

(1) Refere-se a Dario, rei dos persas, cujas riquezas assombrosas lhe permitiam viver rodeado por uma côrte numerosa e servido com um cerimonial deslumbrante,

CRÉMILO — ¿ Não é por êle que se efectuam as
nossas assembleas (1)?

possuindo palácios magnificentes em Susa, Pasargade e Persépolis. A sua efigie aparecia cunhada nos dáricos de ouro e de prata que circulavam em todo o mundo antigo (*Assemblea das mulheres*).

(1) Alusão ao trióbolo que recebiam os cidadãos por cada reunião das assembleas a que compareciam. Péricles, para permitir ao povo exercer as funções judiciárias, estabeleceu um subsídio para os juizes por cada sessão do tribunal a que compareciam. (Aristóteles — *Política*, II, 9-3). Esse subsídio, que era inicialmente de um óbolo (*Assemblea das mulheres*, v. 311), foi elevado por Cléon para três óbolos; mas, de uma passagem de Aristófanes, parece deduzir-se que na época em que foi representada a comédia *Rãs* (v. 140) esse salário era de dois óbolos. Segundo os cálculos apresentados por Aristófanes nas *Vespas*, os seis mil juizes de Atenas recebiam anualmente cento e cinquenta talentos, quando as receitas do Estado eram de dois mil. Mais tarde, depois dos sucessivos golpes vibrados contra a democracia, os prítanos viam-se em sérios embaraços para reunir na Pnix o número suficiente de cidadãos para tornar válidos os decretos em virtude de a maior parte não poder dispensar o salário dos dias de trabalho em que funcionava a assemblea. (Aristóteles — *Const. de Atenas*, 41-3). Para remediar este inconveniente e evitar a queda num regime oligárquico, tornou-se extensivo à *Eclésia* o sistema de salário instituído sessenta anos antes para os *heliastas*. Agírrio fixou-o em um óbolo; Heracleides de Clazomenes aumentou-o para dois; e, finalmente, Agírrio elevou-o para três. (Arist. — *Const. de Atenas*, 41-3; Aristófanes — *Assemblea*, 184, 300). Com a elevação do custo da vida, este salário

CARION — ¿ Não és tu, ainda, que equipas as trirremes (1)?

CRÉMILO — ¿ Não é êle que mantém a nossa guarnição estrangeira em Corinto (2)?

CARION — ¿ Não é êle que faz sofrer Panfilo (3)?

foi ainda aumentado. No tempo de Aristóteles era de um drácma para as sessões ordinárias e drácma e meio para as extraordinárias (*Const. de Atenas*, 62-2). Como, porém, as receitas do Estado não eram suficientes para distribuir salários a todos os cidadãos que compareciam às assembleas, no uso dos seus direitos cívicos ou no desempenho de quaisquer magistraturas, êles eram conferidos apenas aos primeiros que chegavam: «é costume aqueles que não se encontram na Pnix desde madrugada retirarem-se com as mãos vazias.» (Aristóf. — *Assemblea*, 282 e seg.). Os oradores públicos percebiam diariamente um dracma quando foi representada a comédia *Vespas* (423 a. C.).

(1) As trirremes eram equipadas pelos cidadãos ricos nomeados *trierarcas*, pois só êles podiam suportar tão dispendiosa liturgia (imposto extraordinário). Na *Assemblea das Mulheres* (v. 198) alude Aristófanes ao antagonismo que se manifestava entre o critério dos ricos e o dos pobres entendendo estes que deviam equipar-se mais navios e aqueles que não havia necessidade de tal.

(2) Em 393 a. C. os atenienses aliaram-se com Corinto, a Beócia e a Argólida, contra Esparta; e desde então estabeleceu-se uma guarnição ateniense em Corinto.

(3) Segundo o Escoliasta, Panfilo era um usurário de Atenas, muito conhecido.

CRÉMILO — ¿ E com Panfilo o comerciante de agulhas (1)?

CARION — ¿ Não é êle que faz que Agírrio (2), seja insolente?

CRÉMILO — ¿ Não é por tua causa que Filepsius (3) conta histórias?

CARION — ¿ Não és tu que contribues para que se enviem socorros aos egípcios?

CRÉMILO — ¿ Que Lais ama Filónido (4)?

(1) Diz o Escoliasta que se trata de um parasita de Panfilo.

(2) General ateniense, comandante de Lesbos depois de Trastíbulo, que fez suprimir o salário aos poetas. Aristófanes diz que êle ocupava « no Estado as mais altas dignidades » (*Assemblea*, 102 e seg.).

(3) Ateniense pobre que recebia dinheiro por contar histórias.

(4) Cidadão muito rico e néscio que sustentava os caprichos de Lais, a célebre cortesã que deslumbrou Corinto com a sua beleza e o seu luxo. Lais, natural de Hicara, na Sicília, foi feita escrava quando o general Nícias conquistou aquela cidade e trazida para o Peloponeso, onde foi comprada por Apeles, a quem serviu de modelo. Liberta, estabeleceu-se em Corinto, onde passou largos anos de fausto e de prodigalidade até que, exausta de recursos e em plena decadência física, sofreu as mais duras privações e serviu de escárneo aos poetas cómicos. Epícrates, na comédia *Anti-Lais*, descreveu a sua vida miserável e torpe, roída pela fome e desvairada pelo alcoolismo.

CARION — E que a tórre de Timóteo (1)...

CRÉMILO — Caia ela sôbre ti. — ¿Emfim, não será por ti que tudo se faz? Crê-me, tu és a causa única de tôdas as coisas, dos bens como dos males.

CARION — Na guerra, a vitória vai sempre para o lado em que fazes pender a balança.

PLUTOS — Quê! ¿Pois eu, só, posso tantas coisas?

CRÉMILO — E muitas mais ainda. Por isso ninguém se enfada de ti. Sacia-se de tudo o mais: de amor...

CARION — De pão,

CRÉMILO — De música,

CARION — De gulodices,

CRÉMILO — De honras,

CARION — De bolos,

CRÉMILO — De glória,

CARION — De figos,

CRÉMILO — De ambição,

CARION — De papas,

CRÉMILO — De mando,

CARION — De lentilhas.

CRÉMILO — Mas de ti, jamais ninguém se enfastiou. ¿Possuem-se treze talentos? — Deseja-se ter dezasseis. ¿Conseguiu-se alcançá-los? — Querem-se quarenta, sem o que não se poderia viver.

(1) General ateniense, biografado por Cornélio Nepos; mandou construir uma tórre em honra da Fortuna, que sempre o acompanhou nas suas expedições.

PLUTOS — As vossas palavras parecem-me muito sensatas ; uma só coisa me inquieta.

CRÉMILO — Qual ?

PLUTOS — É por que meio me apossarei dêste poder que me atribuíis.

CRÉMILO — Tem-se muita razão em dizer que não há ninguém tão cagarola como Plutos.

PLUTOS — De maneira nenhuma. Foi um ladrão que outrora assim me caluniou: tendo entrado numa casa, encontrou tudo fechado e não pôde apanhar nada. Então chamou mêdo à minha providência.

CRÉMILO — Não estejas em cuidado ; se tu próprio te mostrares diligente em ajudar-nos, restituir-te-ei a vista, mais penetrante que a de Linceo (1).

PLUTOS — ¿ Que poderás fazer tu, que, no fim de contas, não passas de um mortal ?

CRÉMILO — Tenho muitas esperanças. Sei o que me disse Apolo, agitando o loureiro de Delfos.

PLUTOS — ¿ Então é segrêdo ?

CRÉMILO — Sim.

PLUTOS — Tomai cuidado . . .

CRÉMILO — Não te aflijas, meu caro. Ainda que tenha de morrer, hei-de conseguir isso.

CARION — Podes também contar comigo.

(1) Um dos heróis gregos que, segundo a mitologia, embarcaram na nau Argos para a conquista do Velo de Ouro, oferecido por Frixos ao rei da Cólquida, Actes, e confiado à guarda de um dragão.

CRÉMILO — Teremos ainda muitos outros auxiliares : tôdas as pessoas honestas que não têm pão.

PLUTOS — ; Seguramente, êles são bem pobres auxiliares !

CRÉMILO — Não, uma vez que se tornem ricos. (*a Carion*) Vamos, anda depressa.

CARION — ; Que é preciso fazer ? — dize.

CRÉMILO — Chama os nossos companheiros, os agricultores. Encontrá-los-ás nos campos, onde sofrem muito. Dize-lhes que venham aqui para participarem nos bens de Plutos.

CARION — Eu vou ; ; mas quem leva êste pedaço de carne (1) para casa ?

CRÉMILO — Eu me encarrego dêle ; mas avia-te. (*Carion sai*). Oh Plutos ! o mais poderoso de todos os deuses, entra comigo nesta habitação : eis a casa. É preciso que a enchas hoje de riquezas, por todos os meios, bons ou maus.

PLUTOS — Na verdade, custa-me sempre muito entrar numa casa estranha ; nunca me sinto bem nela. Se vou a casa de um avaro, êle esconde-me logo debaixo do chão : e quando um homem honesto, da sua amizade, vem pedir-lhe um pouco de dinheiro, jura que nunca me viu. Se entro em casa dum perdulário, êle faz-me vítima de cortesãs

(1) Refere-se à carne da vítima sacrificada no templo de Apolo e que o oferente devia trazer para distribuir pelos parentes e vizinhos, conforme o costume.

e de jogos de azar, e em pouco tempo põe-me à porta inteiramente nu.

CRÉMILO — É que nunca acertaste com um homem moderado. Mas eu, é êsse o meu carácter: gosto da economia mais que ninguém e da despesa quando é necessária. Entremos: quero mostrar-te minha mulher e meu único filho, o ser que amo mais no mundo depois de ti.

PLUTOS — Acredito.

CRÉMILO — ¿ De que serviria esconder-te a verdade?

(Entram ambos em casa)

O CÔRO — (Falta)

CARION — Amigos e compatriotas, homens laboriosos que tendes partilhado muitas vezes do alho (1) de meu amo, vinde, apressai-vos, acudi; nada de demoras; chegou o momento de vos apresentardes.

O CÔRO — ¿ Pois não vês que vamos tão depressa quanto é possível a velhos trôpegos? Tal-

(1) O alho era muito apreciado pelos atenienses, que lhe atribuíam a virtude de tornar os homens corajosos e valentes no combate, como os galos. Na comédia *Acar-nânios*, uma personagem exclama: « Miserável! livra-te de atacar homens que comeram alho. » O côro de *Cavaleiros* aconselha também ao Salsicheiro, que se propõe arrebatat a Cléone a chefia do partido popular, que coma alho « para ter mais fôrças no combate ».

vez penses que devo correr antes de saber por que motivo teu amo nos chama.

CARION — ¿ Não vo-lo disse já? Parece que tendes mau ouvido. Meu senhor faz-vos saber que ides todos trocar a vossa vida miserável e penosa por outra suave e agradável.

O CÔRO — ¿ Que quiere isso dizer? ¿ Como é possível tal?

CARION — Êle veio aqui com um velho sórdido, todo curvado, miserável, enrugado, careca, desdentado e, suponho até, eunuco.

O CÔRO — Que dizes? É um anúncio de riqueza: repete ainda. ¿ É pois um tesouro que êle traz consigo?

CARION — Pelo menos é um tesouro de enfermidades da velhice.

O CÔRO — Então pensas que, se estás a brincar connosco, te deixaremos ir impunemente quando temos aí os nossos paus?

CARION — ¿ E pensais, porventura, que a natureza me fêz tão velhaco e incapaz de falar verdade uma vez sequer?

O CÔRO — Que ar de seriedade toma êste patife! já cuida ouvi-lo gritar: “ai! ai!” As tuas pernas estão a pedir cadeias e travas.

CARION — A letra que tiraste à sorte(1) desi-

(1) A democracia ateniense, atribuindo iguais direitos políticos a todos os cidadãos, instituiu o processo da tiragem à sorte para o preenchimento das diferentes ma-

gna-te para julgares no caixão; e não vais? Caronte vai entregar-te a insignia (1)!

O CÔRO — Maldito sejas tu! que és maçador e malvado a trocar connosco dêste modo e a recusares dizer-nos o que nos quiere teu amo, a nós que, a-pesardos nossos afazeres, temos vindo aqui com tôda a pressa, abandonando os nossos trabalhos e as mais belas cabeças de cebola.

CARION — Pois bem! Não vos quero ocultar mais, isso. É Plutos, meus amigos, que meu amo traz; êle vai enriquecer-vos.

gistraturas que não exigiam competência especial. Essas magistraturas deviam, dentro do mesmo espírito de equidade, ser distribuídas pelas dez tribus que constituíam a cidade. Uma vez designados os juizes, por êste processo, eram ainda tirados à sorte os tribunais em que haviam de exercer as suas funções, por um ano. Os *tesmotetes* (seis dos nove *arcontes*) presidiam à administração da justiça e davam a conhecer aos interessados o tribunal em que deviam prestar os seus serviços (*Assemblea das Mulheres*, 711 e seg.).

(1) A insignia dos juizes era um bastão que recebiam das mãos do arauto do respectivo tribunal, no início de cada reunião, e deviam depor, à tarde, nas mãos dos *pri-tanos* (cincoenta membros do Senado que assumiam a presidência e a vigilância das assembleas) para receberem os respectivos salários que eram pagos pelo *colacreto*, junto da estátua de Licus. Depois de começarem os discursos, já não era permitida a entrada no tribunal, ficando assim os retardatários privados do salário. Veja-se a comédia *Vespas* que elucida bastante o modo como funcionavam os tribunais.

O CÔRO — ¿Será possível que nos tornemos todos ricos?

CARION — Sereis mesmo autênticos Midas se vos nascem orelhas de burro (1).

O CÔRO — Que alegria! Que enlêvo! Dansarei de prazer se dizes a verdade.

CARION — Mas eu, eu quero (*tretanelo!*) (2) imitar o Cíclope (3) e fazer-vos andar assim a ponta-

(1) Segundo a mitologia, Dionisos conferiu ao rei Midas o poder de transformar em ouro tudo aquilo em que tocasse. Midas, porém, depressa reconheceu quão funesto era êsse dom, porque até os próprios alimentos se transformavam em ouro sem que pudesse aproveitá-los. Suplicou então ao deus que o libertasse de tal virtude. Aconselhado por Dionisos, banhou-se no Pactolo, que daí em diante passou a arrastar palhetas de ouro. Fazendo parte do júri que devia pronunciar-se sôbre a superioridade do sileno Marsias, inventor da flauta, ou de Apolo, criador da lira, a sua ausência de sensibilidade musical levou-o a preferir a flauta contra a opinião unânime dos restantes membros do Júri. Apolo foi proclamado vencedor e o seu rival esfolado vivo como punição do seu orgulho. Midas, como castigo da sua falta de gôsto, viu a sua cabeça adornada com um par de orelhas de burro que Apolo lhe fêz crescer. E, por mais que procurase dissimulá-las não o conseguiu, porque o escravo que lhe cortava o cabelo viu-as e confiou à Terra o seu segredo, a qual o divulgou a todos os Ecos.

(2) Palavra onomatopaica que procura traduzir o som da lira.

(3) Diz o Escoliasta que o autor parodia aqui o *Cíclope* de Filoxeno, atribuindo a Carion o papel de Cíclope e identificando os camponeses do côro com as rezes do

pés! Vamos, meus filhos, redobrai vossos gritos, bali à maneira das ovelhas e das cabras de cheiro intenso, e entregai-vos a um ardor impetuoso como o bode.

O CÔRO — E nós (*tretanelo!*), sim, nós procuraremos o Cíclope balindo, e se te encontrarmos repleto de vinho e de carnes, levando um alforge e legumes silvestres, adormecido no meio do teu rebanho, pegaremos numa grande estaca queimada na ponta e vasar-te-emos o olho (1).

CARION — E eu imitarei essa Circe que, em Corinto (2), com seus filtros mágicos, obrigou os companheiros de Filónido a comer, como porcos, a imundície que ela própria lhes tinha anasado. Grunhi de alegria, segui vossa mãe, porquinhos.

O CÔRO — Se és essa Circe que prepara filtros mágicos, os manipula e enlambusa com êles o grupo dos companheiros, para imitar na nossa alegria o filho de Laércio, suspender-te-emos por um sítio

seu rebanho. Eurípides escreveu também um drama satírico com o mesmo nome, inspirado no episódio da *Odissea* (canto IX).

(1) Homero apresenta Ulisses, na caverna do cíclope Polifemo, queimando um tronco de oliveira, numa das extremidades, para vasar o olho do monstro, aproveitando o sono em que êle caiu após ter devorado alguns companheiros do filho de Laércio e se ter embriagado com o vinho capitoso que êste lhe ofereceu.

(2) Referência à cortezá Lais.

sensível (1) e esfregar-te-emos o nariz com excrementos como a um bode; e, como um Arístolo (2), com a bôca entre-aberta, dirás: “segui vossa mãe, porquinhos”.

CARION — Vamos, fazei tréguas à zombaria e continuai noutro tom. Eu, por mim, vou buscar lá dentro um pedaço de pão e de carne, às escondidas de meu amo, e depois lançar-me-ei ao trabalho.

O CÔRO — (Falta)

CRÉMILO — Desejar-vos os bons dias, meus amigos, é uma fórmula antiga e sediça, mas eu abraço-vos pelo zêlo, o entusiasmo e a prontidão com que vos dispusestes a vir. Auxiliai-me também em tudo o mais, e guardai cuidadosamente o deus.

O CÔRO — Sê tranqüilo; ver-me-ás um aspecto absolutamente marcial. Seria uma vergonha espinharmo-nos diàriamente na Assembleia por três óbolos e deixarmos arrebatado o próprio Plutos.

CRÉMILO — Mas eu avisto Blepsidemo que vem ter connosco. É fácil ver, pelo seu andar apressado, que êle ouviu falar no assunto.

BLEPSIDEMO — ¿ Que há de novo? ¿ Como é que Crémilo enriqueceu tão depressa? Não posso acre-

(1) Alusão ao suplício mandado infligir por Ulisses ao pastor Melânco que o traíu (*Odissea*, XXII).

(2) Homem dissoluto mencionado também na *Assemblea das Mulheres* (V. 647).

ditá-lo: todavia fala-se muito, nos barbeiros, da sua fortuna súbita. Mas o que me espanta sobretudo é que, na sua felicidade, êle se recorda dos seus amigos. Na verdade, afasta-se, nesse ponto, do uso consagrado.

CRÉMILO — Sim, Blepsidemo, não te oculto nada; a minha fortuna é maior do que era ontem: posso repartir contigo porque és dos meus amigos.

BLEPSIDEMO — ¿ Então tu és realmente rico como se diz?

CRÉMILO — Sê-lo-ei em breve se Deus quiser; mas o negócio está ainda um pouco incerto.

BLEPSIDEMO — Como?

CRÉMILO — É que...

BLEPSIDEMO — Dize depressa.

CRÉMILO — Se formos bem sucedidos, seremos felizes para sempre; se encalharmos, estaremos perdidos sem recurso.

BLEPSIDEMO — Eis o que me parece comprometedor e não me agrada nada. Fazer uma fortuna tão repentina e, não obstante, recear ainda, isso é próprio de um homem que não fêz nada de bom.

CRÉMILO — ¿ Como nada de bom?

BLEPSIDEMO — Talvez tivesses subtraído oiro ou prata no templo do deus que vens de consultar e agora estejas arrependido disso.

CRÉMILO — Não, de-certo, Apolo me livre de tal!

BLEPSIDEMO — Deixa-te dêsses rodeios, meu caro; eu sei tudo.

CRÉMILO — Não faças dêsses juízos a meu respeito.

BLEPSIDEMO — Pobre de mim! Não há um só homem que faça qualquer coisa de bem. Todos, sim, todos são escravos do dinheiro.

CRÉMILO — Por Demeter, presumo que perdes o juízo.

BLEPSIDEMO — Como os seus hábitos mudaram!

CRÉMILO — Meu caro, estás doido, na verdade.

BLEPSIDEMO — Até o seu olhar está desvairado; é evidente que êle deu um mau passo.

CRÉMILO — ¿Vejo bem o que pretendes; supões que eu furtei para reclmares a tua parte?

BLEPSIDEMO — Receber a minha parte! De quê?

CRÉMILO — Mas não é assim; o caso é muito diferente.

BLEPSIDEMO — ¿ Talvez não tivesses furtado mas extorquido com violência?

CRÉMILO — Perdeste a cabeça.

BLEPSIDEMO — ¿ Não causaste dano a ninguém?

CRÉMILO — Verdadeiramente, não.

BLEPSIDEMO — Ó Heracles! Vejamos, ¿ que meios empregar? Verifico que não queres confessar a verdade.

CRÉMILO — ¿ Acusas-me antes de conheceres os factos?

BLEPSIDEMO — Escuta, meu caro; pretendo regularizar êste negócio com muito pouca despesa, antes que êle se divulgue na cidade: bastam umas moedas para tapar a bôca aos oradores.

CRÉMILO — Tu és homem para adeantares três

minas (1) e descontares-me dôze, como bom amigo.

BLEPSIDEMO — Parece-me ver já alguém sentado junto do tribunal com sua mulher e filho e um ramo de suplicante na mão; assemelhar-se-á inteiramente aos Heraclides de Panfilo (2).

CRÉMILO — Enganas-te, miserável! pois eu não enriquecerei senão as pessoas de bem, os homens hábeis e honestos.

BLEPSIDEMO — Que dizes tu? ¿Então roubaste tanto como isso?

CRÉMILO — É demais! Dás cabo de mim!

BLEPSIDEMO — Parece-me que és tu próprio que te perdes.

CRÉMILO — Não, patife; é que eu estou de posse de Plutos.

BLEPSIDEMO — Qual Plutos?

CRÉMILO — O próprio deus.

BLEPSIDEMO — Onde está êle?

CRÉMILO — Aqui.

BLEPSIDEMO — Onde?

CRÉMILO — Em minha casa.

BLEPSIDEMO — Em tua casa?

CRÉMILO — Sim.

(1) Moeda ateniense que valia 100 drácmas ou 600 óbulos.

(2) Alusão a um quadro pintado por Panfilo e exposto no Pórtico, representando os Heraclides que pediam auxílio aos atenienses contra Euristeu, rei dos Miernas.

BLEPSIDEMO — Não irás comer môscas! ¿Plutos em tua casa?

CRÉMILO — Sim, pelos deuses!

BLEPSIDEMO — Falas a sério?

CRÉMILO — Muito sério.

BLEPSIDEMO — Por Héstia!

CRÉMILO — Por Poseidon!

BLEPSIDEMO — O deus dos mares?

CRÉMILO — Ou qualquer outro Poseidon, se acaso existe.

BLEPSIDEMO — ¿E tu não o mandas a nossas casas, que somos teus amigos?

CRÉMILO — Ainda não se trata disso.

BLEPSIDEMO — Que coisa! ¿Não tratamos já de partilhas?

CRÉMILO — Não, é preciso primeiro...

BLEPSIDEMO — Quê?

CRÉMILO — Que restituamos a vista...

BLEPSIDEMO — A vista! A quem?

CRÉMILO — A Plutos. É preciso, de qualquer modo, que êle veja claro como outrora.

BLEPSIDEMO — ¿Êle está verdadeiramente cego?

CRÉMILO — Sim, pelo céu!

BLEPSIDEMO — Não me surpreendo que êle nunca tenha ido a minha casa.

CRÉMILO —irá agora lá, se os deuses o permitirem.

BLEPSIDEMO — ¿Não será preciso chamar um médico?

CRÉMILO — ¿Que médico há presentemente nesta

cidade? O talento falta onde não é recompensado.

BLEPSIDEMO — Procuremos.

CRÉMILO — Não vejo nehum.

BLEPSIDEMO — Nem eu tampouco.

CRÉMILO — Não; o melhor é, como já tinha pensado, fazê-lo dormir no templo de Asclépios (1).

BLEPSIDEMO — Seguramente é a melhor resolução. Não te demores, trata de acabar com isso.

CRÉMILO — Pois sim.

BLEPSIDEMO — Avia-te.

CRÉMILO — É o que faço. X

A POBREZA — Ó vós que intentais a acção mais ousada, mais ímpia, mais atroz; ¿ mesquinhos mortais, para onde fugis em debandada? detende-vos, pois!

BLEPSIDEMO — Oh Herácles!

A POBREZA — ¿ Castigar-vos-ei como mereceis! Ousais um atentado inaudito que jamais alguém tentou, nem homem, nem deus. Ai de vós!

CRÉMILO — ¿ Mas quem és tu, assim tão pálida?

(1) Era costume levar os doentes aos templos de Esculápio, onde dormiam, para que o deus lhes revelasse, em sonhos, o remédio eficaz para seus males. Na comédia *Vespas* (V. 123), refere-se Aristófanes ao mesmo uso. Os estudos modernos sôbre o sonambulismo conduzem à hipótese de que se tratava então de fenómenos análogos aos que se designaram pelo nome de *autoscopia*.

BLEPSIDEMO — É talvez alguma fúria de tragédia (1): tem o olhar terrível e trágico.

CRÉMILO — Não, que não tem archotes.

BLEPSIDEMO — ¿ E se nós lhe batêssemos?

A POBREZA — ¿ Por quem me tomais vós?

CRÉMILO — Por alguma taberneira ou vendedeira de ovos: porque, de outro modo, não gritarias tanto, sem ninguém te fazer mal algum.

A POBREZA — Verdadeiramente? ¿ E achas pouco o quererem expulsar-me de tôda a parte?

CRÉMILO — ¿ Não te fica ainda o Bátrato (2)? Mas é preciso que digas imediatamente quem és.

A POBREZA — Eu sou uma pessoa que vos fará arrepender, hoje mesmo, de quererdes baní-la destes lugares.

BLEPSIDEMO — ¿ Não é esta a taberneira aqui do lado, que me engana todos os dias com suas medidas falsas?

A POBREZA — Sou a pobreza, que há tantos anos habita convosco.

BLEPSIDEMO — Oh Apolo! oh deuses! ¿ para onde fugir?

(1) As Fúrias eram divindades infernais que perseguiam os criminosos. Ajax, na tragédia de Sófocles, antes de se suicidar invoca as Euménidas, às quais implora vingança contra os Átridas. Ésquilo, na tragédia *Euménidas*, da trilogia *Oréstia*, forma com elas o côro. Estas divindades eram representadas com fachos na mão.

(2) Precipício onde eram lançados os criminosos, com pedras atadas ao pescoço.

CRÉMILO — ¿Então que fazes tu? Covarde animal, decides-te a ficar?

BLEPSIDEMO — De modo nenhum!

CRÉMILO — Não ficas? Quê! ¿Dois homens fugirem diante duma mulher?

BLEPSIDEMO — !Mas é a Pobreza, o mais terrível dos monstros!

CRÉMILO — Fica; peço-te que fiques.

BLEPSIDEMO — Não contes comigo.

CRÉMILO — Asseguro-te: seria a coisa do mundo mais vergonhosa abandonar assim a deus sem resistência, e fugir diante de uma mulher.

BLEPSIDEMO — ¿Que armas temos nós para a combater? ¿Haverá alguma couraça, algum escudo que a infame não ponha no prego?

CRÉMILO — Tranquiliza-te: o deus, por si só, triunfará dos seus esforços.

A POBREZA — ¿Ousais abrir a bôca, celerados, quando fostes surpreendidos em flagrante delito?

CRÉMILO — Mas, infeliz, ¿porque vens injuriar-nos sem que te houvéssemos feito nenhum mal?

A POBREZA — ¿Pensais, porventura, que o não fazeis, trabalhando por restituir a vista a Plutos?

CRÉMILO — Como! ¿Será causar-te dano o fazer bem a todos os homens?

A POBREZA — ¿E que bem podeis vós fazer-lhes?

CRÉMILO — Qual? Em primeiro lugar, expulsar-te da Grécia.

A POBREZA — Expulsar-me? ¿Que mal pior podereis vós fazer aos homens?

CRÉMILO — Que maior mal?... o de falhar a realização do nosso projecto.

A POBREZA — Pois bem! Quero apresentar-vos, primeiro, as minhas razões. Demonstrar-vos-ei que sou o único autor de todos os bens que gozais, e que me deveis a vida. Se o não provar, fazei o que vos aprouver.

CRÉMILO — ¿Atreves-te a pretender isso, infame?

A POBREZA — Deixa que eu me explique. Creio poder demonstrar-te facilmente que cometes o maior êrro, se pretendes enriquecer as pessoas de bem.

CRÉMILO — Oh açoites! oh golilhas! ¿não vireis em nosso auxílio?

A POBREZA — Não se deve gemer e protestar antes de ter ouvido.

BLEPSIDEMO — ¿E quem poderia não protestar ouvindo semelhantes coisas?

A POBREZA — Todo homem sensato.

CRÉMILO — ¿A que multa te submetes se perdes a tua causa?

A POBREZA — Aquela que quiseres.

CRÉMILO — Não se pode falar melhor.

A POBREZA — E vós deveis submeter-vos à mesma condição, se perderdes.

BLEPSIDEMO — ¿Parece-te que chegam vinte mortes?

CRÉMILO — Sim, para ela; mas para nós bastam duas.

A POBREZA — Não podereis deixar de perder. ¿Que haverá, com efeito, a responder-me?

O CÔRO — Vamos, procurai sólidos argumentos e uma resposta decisiva que a confunda. Evitai fraquejar.

CRÉMILO — Tôda a gente, penso eu, está de acôrdo em reconhecer que é justo que as pessoas de bem sejam felizes e os maus e os ímpios tenham sorte contrária. Animados do desejo de realizar êste objectivo, encontrámos finalmente um meio glorioso, nobre e para sempre útil. Que Plutos recupere a vista e deixe de marchar às apalpadelas: êle irá a casa das pessoas de bem para não mais as deixar, e fugirá dos maus e dos ímpios. Então tôda a gente se tornará virtuosa e rica e respeitará os deuses. ¿Poder-se-ia imaginar alguma coisa melhor para os homens?

BLEPSIDEMO — Não; eu aqui estou para o certificar; é inútil interrogá-la.

CRÉMILO — A avaliar pela maneira como as coisas se passam na vida humana, ¿quem não dirá que tudo é loucura, extravagância? Os maus, que são em maior número, gozam aí de riquezas que devem a seus crimes: os outros, pessoas muito honestas, vivem na miséria, à mingua, e não têm, as mais das vezes, senão a ti por companheira.

O CÔRO — Sim, se Plutos recupera a vista, há-de pôr fim a estas desordens e assegurar aos homens uma sorte bem feliz.

A POBREZA — Velhos! de todos os homens os mais propensos a desvairar, companheiros da loucura e da extravagância, se o que desejais aconte-

cesse, não ganharieis nada com isso. Que Plutos recupere a vista e se dê a todos igualmente, ninguém quererá mais exercer qualquer ofício ou aprender qualquer arte. Uma vez destruídas estas duas condições da vida ¿ quem quererá forjar o ferro, construir navios, coser fatos, fabricar rodas, talhar o coiro, fazer tijolos, cair, curtir, ou rasgar a terra para tirar dela os presentes de Deméter (1), se cada qual pode viver ocioso e desprezar todos estes trabalhos?

CRÉMILO — Isso são ninharias. Os trabalhos a que te referes fá-lo-ão os nossos escravos.

A POBREZA — ¿ Como terás tu escravos?

CRÉMILO — Ora essa? Comprá-los-emos.

A POBREZA — ¿ E quem quererá vender se todos têm dinheiro?

CRÉMILO — Sempre encontraremos algum comerciante ambicioso vindo da Tessália, país fértil em traficantes de escravos.

(1) Deméter — a Ceres dos romanos — filha de Cronos e de Réa, segundo a mitologia, representava a fecundidade da terra e presidia à agricultura. Em sua honra celebravam-se festas por ocasião das sementeiras e das colheitas. As Tesmofórias, instituídas por Triptolemo tinham lugar na altura das sementeiras, no mês *Pianépsion* (Outubro e Novembro) e duravam cinco dias, no terceiro dos quais não funcionavam os tribunais nem o Senado. A entrada no templo da deusa — o *Tesmofórion* — que ficava próximo da cidadela, era interdita aos homens. Aristófanes faz delas o tema de uma das suas comédias — *Festas de Deméter* — na qual satiriza Eurípidés.

A POBREZA — Mas nem sequer haverá mercadores de escravos, no teu próprio sistema. ¿Que homem rico estará disposto a expor a sua vida por êste tráfico? Obrigado a lavrar, tu mesmo, a cultivar a terra, a fazer os trabalhos mais penosos, levarás uma vida ainda mais miserável que hoje.

CRÉMILO — ¡Que êsses males caíam sôbre ti!

A POBREZA — Não terás leito para te deitares (ondes poderias encontrá-lo?), nem tapete (¿quem quererá tecê-lo, se tem dinheiro?), nem perfumes para o toucador de tua jovem espôsa, nem tecidos de brocado, tintos de púrpura, para seu adôrno. Ora, ¿para que serve a riqueza se se está privado de todos estes bens? Eu, pelo contrário, provejo abundantemente tudo quanto vos falta; e, qual dona vigilante, forço o artífice, por indigência e necessidade, a trabalhar para ganhar a vida.

CRÉMILO — ¿Que outros bens podes tu oferecer além das queimaduras que se arranjam no lume dos banhos (1), os gritos de nossos filhos esfomeados e mulheres velhas, pulgas, mosquitos, inúmeros insectos cujo zumbido incómodo nos desperta e diz: "Tu morres de fome; mas é preciso levantares-te." Por vestuário, ofereces andrajos; por leito, uma enxêrga de junco, inçada em percevejos que perturbam o sono; por tapete, uma esteira

(1) Refere-se às manchas vermelhas produzidas pela aproximação do lume dos banhos públicos onde os pobres iam aquecer-se, no inverno.

apodrecida; por almofada uma grande pedra; em vez de pão, raízes de malva; para sopa, fôlhas amargas de rábano; para assento, uma tampa de bilha quebrada; para amassadoiro, uma aduela de tonel, rachada, ainda por cima. ¿ Não serão esses todos os bens que dispensas aos homens?

A POBREZA — A vida que acabas de descrever não é a minha: é a dos mendigos.

CRÉMILLO — ¿ Pois não dizemos nós que a pobreza é irmã da mendicidade?

A POBREZA — Sim, vós os que assemelhais Denis a Trasíbulo (1): mas não é, nem será nunca,

(1) Denis, tirano de Siracusa, apossou-se do governo com o apoio do exército, mas as suas crueldades tornaram-no odiado. Aristóteles define, com tóda a clareza, os meios a que as tiranias recorrem para se manter: « É preciso procurar saber tudo o que se diz e se faz entre os súbditos, ter espiões, como em Siracusa as mulheres chamadas *potagógidas*, enviar, a exemplo de Hiéron, pessoas para escutar nas reuniões e nas assembleas. ... É preciso ainda levar os cidadãos a caluniar-se mutuamente, atizar os amigos contra os amigos, irritar o povo contra os homens poderosos e excitar os ricos uns contra os outros. Um outro recurso da tirania é empobrecer os indivíduos a-fim-de que a vigilância não custe nada a manter e os cidadãos, obrigados a trabalhar e a viver no dia a dia, não tenham tempo para conspirar. Vê-se um exemplo disso nas pirâmides do Egipto, nas oferendas consagradas a Delfos pelos Cipsélidos, na construção do templo de Zeus olímpico pelos Pisistrátidas e nas grandes obras que Polícrato faz executar em Samos. Todos estes

essa a minha vida. A vida do mendigo, a que te referes, consiste em viver sem nada possuir; a pobreza, em viver de economia e de trabalho, sem supérfluo, mas também sem carência do necessário.

CRÉMILO — Vida feliz, na verdade! Economi-

trabalhos têm o mesmo fim e o mesmo resultado, o de empobrecer os cidadãos ocupando-os. As contribuições são ainda um novo meio, como se viu sob o reinado de Denis em Siracusa, onde, no espaço de cinco anos, toda a fortuna pública entrou no tesouro.» (*Polit.*, liv. VIII, cap. IX, §§ 3, 4, 5). Quanto aos objectivos que a tirania se propõe, enuncia-os Aristóteles do seguinte modo: «em primeiro lugar, o envilecimento dos cidadãos; aquele que tem uma alma baixa e pusilânime não será nunca tentado a conspirar; em seguida, a desconfiança dos cidadãos uns a respeito dos outros, porque a tirania não pode ser derrubada desde que não haja homens que tenham entre si uma confiança recíproca, e tal é a razão pela qual o tirano faz guerra aos homens de bem que podem prejudicar a sua autoridade, não só porque não querem ser governados despoticamente, mas também porque têm confiança em si mesmos, obtendo assim a confiança dos outros, e são incapazes de se trair a si próprios e a outrem; finalmente, a terceira coisa que a tirania pretende é a impossibilidade de agir, porque ninguém empreende o impossível, e, por consequência, não se consegue mesmo abolir a tirania quando se não tem poder para isso.» (*Polit.*, liv. VIII, cap. IX, § 8). Trasíbulo, general ateniense, derrubou a tirania dos Trinta, em 404, e restabeleceu a democracia. O texto alude, pois, à impossibilidade de confundir duas coisas diferentes e até opostas.

zar, dar-se a incómodos, sem deixar sequer com que pagar a sepultura.

A POBREZA — Tu ris, gracejas, em vez de falar a sério. Ignoras que os homens me devem muito mais que a Plutos, pelo corpo e pelo espírito. Com êle, são gotosos, pançudos, pesados, carregados de banhas; comigo são delicados, esbeltos, perigosos para os seus inimigos.

CRÉMILO — É esfomeando-os que tu lhes dás essa estatura esbelta.

A POBREZA — Falemos agora do moral: vou demonstrar-vos que comigo reside a modéstia; e a insolência com Plutos.

CRÉMILO — É absolutamente modesto roubar e escalar muros!

BLEPSIDEMO — Sem dúvida; desde que se oculta não residirá aí a modéstia?

A POBREZA — Vêde os oradores nas repúblicas: enquanto são pobres, a justiça preside à sua conduta para com o povo e para com o Estado; mas, uma vez enriquecidos com os despojos públicos, tornam-se injustos, traem o povo, atacam o govêrno democrático (1).

CRÉMILO — Tudo isso é bastante verdade, confesso-o, embora tu sejas muito má língua; mas

(1) Alusão aos demagogos que adulam o povo para melhor o oprimir. Pisístrato em Atenas e Denis em Siracusa foram demagogos antes de serem tiranos.

não te envaideças demasiado: não te farei arre-
pender menos, por teres querido provar-nos que
vales mais que Plutos.

A POBREZA — Todavia não podes refutar-me;
não dizes senão tolices e palavras vãs.

CRÉMILO — ¿Porque é, então, que os homens
te fogem?

A POBREZA — É que os torno melhores. Repara
para as crianças; fogem dos pais que só querem
o seu bem, tão difícil é distinguir o que é bom!

CRÉMILO — Queres então dizer que Zeus não
sabe distinguir o que é bom, visto que êle guarda
Plutos comsigo.

BLEPSIDEMO — E envia-nos a Pobreza.

A POBREZA — Ó vós cujos espíritos estão ence-
gueirados pela remela do século de Cronos (1), sabei
que Zeus é pobre: vou prová-lo claramente. ¿Se
fôsse rico, ver-se-ia, porventura, nos jogos olímpicos,
por êle instituídos e onde a Grécia inteira se reúne
todos os cinco anos, dar aos atletas vencedores
apenas uma coroa de ramos de oliveira? Êle dar-
-lha-ia de oiro, se fôsse rico.

CRÉMILO — ¿Não demonstra isso, exactamente,
a importância que êle atribue às riquezas? É por

(1) Cronos reinava sôbre os homens da terceira raça,
nas Ilhas Afortunadas, onde « a terra fértil se cobre três
vezes por ano de novas flores e de frutos deliciosos ».
(Hesíodo, *Os trabalhos e os dias*).

economia, para não dispende nada, que êle dá estas insignificantes frioleiras aos vencedores e guarda para si a riqueza.

A POBREZA — É fazer-lhe uma afronta bastante mais vergonhosa que a pobreza, supô-lo rico com esta avareza tão acerba e tão sórdida.

CRÉMILO — ¡Que Zeus te confunda e te coroe com ramos de oliveira!

A POBREZA — ¡Atreverem-se a dizer-me que os bens não vos vêm todos da Pobreza!

CRÉMILO — Basta perguntar a Hécate (1) se vale mais ser rico ou indigente. É por ordem dela que os ricos lhe servem um banquete todos os meses e que os pobres o levantam, mal acaba de ser servido. Ora, vai passear e não voltes a abrir bico. Não conseguirás persuadir-me, ainda que pudeses convencer-me.

A POBREZA — ¡Cidade de Argos, escuta-o (2)!

(1) Hécate era a deusa dos espectros que presidia às invocações. «Ela pode, conforme lhe apraz, prestar seu valioso auxílio aos humanos; a seu belprazer ella concede o predomínio na assemblea dos povos; quando elles se lançam no meio da peleja mortífera, ella ali está para distribuir a vitória e a fama segundo as suas preferências.» (Hesíodo, *Teogonia*). Preside aos jogos de luta, às corridas de carros e à prosperidade dos rebanhos. Daí o culto que os atenienses lhe consagravam, colocando as suas estátuas diante das portas das casas (Aristófanes, *Vespas*).

(2) Verso de Eurípides que já aparece na comédia *Cavaleiros* (V. 813).

CRÉMILO — Chama Pauson (1), teu comensal.

A POBREZA — ¿Que farei eu, pobre de mim?

CRÉMILO — Fora daqui! ¡Vai-te para os corvos!


A POBREZA — Onde ir?

CRÉMILO — Para o pelourinho; e sem demora.
Vá, depressa.

A POBREZA — Ainda voltareis um dia a chamar-me.

CRÉMILO — Voltarás então; mas agora, parte. Prefiro ser rico e deixar-te transir longe de mim.

BLEPSIDEMO — E eu, tornado rico, quero viver na opulência com os meus filhos e minha mulher, sair do banho todo perfumado, desprezar o trabalho e a Pobreza.


(A Pobreza afasta-se)

CRÉMILO — ¡Até que enfim se foi embora esta peste maldita! Apressemos-nos, pois, a conduzir o deus ao templo de Asclépios para lá o fazermos deitar.

BLEPSIDEMO — Não demoremos, para que não haja receio de que ainda venham incomodar-nos.

CRÉMILO — Carion, traze as tapeçarias; é preciso conduzir Plutos com o cerimonial do costume.

(1) Pintor cuja pobreza era proverbial.

Não te esqueça nada do que se preparou em casa (1).

O CÔRO — (Falta).

CARION — Velhos, que tendes tido tão mau passado nas festas de Teseu (2), ¡ como a vossa sorte mudou! ¡ Como ides ser felizes, vós e todos os que são pessoas de bem!

O CÔRO — ¿ Que succedeu a teus amigos, meu caro? Estás com cara de quem vem comunicar-nos alguma boa notícia.

CARION — Aconteceu a máxima felicidade a meu amo, ou antes, ao próprio Plutos: êle estava cego e recobrou a vista; seus olhos brilham com vivo fulgor, graças aos cuidados de Asclépios.

O CÔRO — ¡ Oh, quanto me enche de alegria esta notícia!

CARION — É preciso regosijar-se quer se queira, quer não.

O CÔRO — Eu celebrarei êste digno filho de um pai illustre, êste Asclépios, resplandecente luz dos homens.

A MULHER DE CRÉMILO — ¿ Que significa êste barulho? ¿ É alguma boa notícia? Há imenso

(1) Refere-se aos bolos que constituem as oferendas para Asclépios.

(2) As festas de Teseu realizavam-se no oitavo dia de cada mês e o festim dos cidadãos pobres era bastante modesto.

tempo que aqui estou, cheia de impaciência, à tua espera.

CARION — De-pressa, de-pressa, vinho, minha senhora! É preciso que bebas também, o que, aliás, fazes com muito agrado; trago-te todos os bens ao mesmo tempo.

A MULHER — ¿ Onde estão êles ?

CARION — Nas minhas palavras; vais já saber tudo.

A MULHER — Dize de-pressa o que tens a dizer-me.

CARION — Escuta pois; vou narrar-te tudo o que se passou, dos pés à cabeça.

A MULHER — À cabeça? Não, não quero.

CARION — ¿ Não queres os bens que alcançaste?

A MULHER — Eu não quero mas é impedimentos.

CARION — Logo que chegámos ao templo, com Plutos, então miserável e agora no auge da felicidade, levámo-lo primeiro junto ao mar e demos-lhe banho.

A MULHER — ¡ Grande felicidade para um velho, banhar-se em água fria!

CARION — Em seguida, voltámos ao santuário do deus. Depois de termos consagrado, no altar, os bolos e outras oferendas e lançado a flor de farinha à chama de Hefaiostos (1), deitámos Plutos,

(1) Hefaiostos, o Vulcano dos romanos, era o deus do fogo e das artes metalúrgicas, filho de Zeus e de Hera. O seu culto teve provavelmente origem na ilha vulcânica de Lemnos. Em companhia dos Cíclopes, tinha as suas forjas nos flancos do Etna.

conforme o ritual impõe, e cada um de nós contentou-se com um leito de palha.

A MULHER — ¿ Havia ainda outras pessoas a implorar o deus ?

CARION — Estava lá, em primeiro lugar, Néoclido (1) que, embora cego, rouba com mais destreza que os que vêem bem ; depois, muitos outros, com tôda a espécie de doenças. Após ter apagado as lâmpadas, o sacerdote do deus mandou-nos dormir e, se ouvia ruído, prescrevia-nos que guardássemos silêncio : deitámo-nos todos tranqüilamente. Mas eu não podia dormir : certo prato de papas de farinha, colocado à cabeceira duma velha, excitava a minha cobiça e eu desejava ardentemente deslizar até lá. Levantei a cabeça e vi o sacerdote tirar os bolos e os figos sêcos da mesa sagrada ; depois, deu volta aos altares, um após outro ; e todos os bolos que encontrava metia-os, santamente, num saco. Então eu, convencido da grande santidade do acto, saltei sôbre o prato de papas.

A MULHER — Miserável ! ¿ E não tiveste nenhum temor do deus ?

CARION — Sim, sem dúvida : receava que, com coroa e tudo, êle fôsse ao prato das papas, antes de mim : o que se havia passado com o seu sacerdote elucidava-me já bastante. A velha, ouvindo bulha estendeu a mão para retirar o prato ; então

(1) Orador público.

eu assobieei como uma serpente e mordi-a. Ela retirou imediatamente a mão e embrulhou-se, em silêncio, nas suas mantas, largando uma ventosidade mais fedorenta que a de um gato. Afinal empazinei-me com papas e voltei a deitar-me com a barriga cheia.

A MULHER — ¿ E o deus não vinha?

CARION — Ainda não. Mas depois disso eu fiz uma boa partida: quando êle se aproximou, fiz ressoar uma descarga das mais ruidosas, porque tinha a barriga muito inchada.

A MULHER — Êle desbocou-se, sem dúvida, em imprecações contra ti...

CARION — Não; mas Jaso, que o seguia, córou, e Panaceia (1) voltou-se para o outro lado, tapando o nariz. É que eu não exalo incenso.

A MULHER — E o deus?

CARION — Não fez caso disso.

A MULHER — ¿ Queres então dizer que êsse deus é grosseiro?

CARION — Não; mas êle gosta de excrementos (2).

A MULHER — Ah! miserável!

CARION — Entretanto mergulhei-me na cama, com pavor. O deus deu a volta e visitou gravemente cada doente. Em seguida um escravo trouxe-lhe

(1) Jaso e Panaceia, filhas de Asclépios.

(2) Alusão ao processo de diagnóstico, seguido pelos médicos, que consistia em inspeccionar os excrementos dos doentes.

um pequeno almofariz de pedra, um pilão e uma caixa pequena.

A MULHER — De pedra ?

CARION — A caixa, não.

A MULHER — ¿ Mas como podias ver tudo isso, patife, visto que te ocultavas, segundo dizes ?

CARION — Via tudo através do meu manto porque tem muitos buracos. O deus pôs-se a preparar primeiro uma cataplasma para os olhos de Neóclido: pegou em três cabeças de alho de Tenos (1), que pisou no almofariz com uma mistura de suco de silfium (2) e de lentisco, regou tudo com vinagre esfetiano (3) e aplicou-o na parte interna das pálpebras para tornar a dor mais pungente. Neóclido gritou com tôda a fôrça e quis fugir; mas o deus disse-lhe sorrindo: « Conserva-te aqui com a tua cataplasma; quero impedir-te de prodigalizes os teus perjúrios na Assembleia ».

A MULHER — ¡ Que deus sábio e patriota !

CARION — Em seguida veio junto de Plutos. Apalpou-lhe primeiro a cabeça e depois limpou-lhe os olhos com um pano branco muito asseado. Panaceia cobriu-lhe a cabeça e a cara com um véu de púrpura. O deus assobiou e imediatamente duas enormes serpentes arremeteram do fundo do templo.

(1) Ilha das Cícladas.

(2) Segundo Plínio, o silfium era empregado em medicamentos.

(3) Segundo o Escoliasta, o autor refere-se ao espírito mordente dos habitantes de Esfeto.

A MULHER — Bons deuses !

CARION — Estas, tendo-se insinuado suavemente sob o véu de púrpura, lamberam, creio eu, as pálpebras do doente e em menos tempo, minha querida ama, do que tu demorarias a beber dez cotilos (1) de vinho, Plutos recuperou a vista. Eu, no meu entusiasmo, bati as palmas e acordei meu amo. Em seguida desapareceu o deus e as serpentes esconderam-se no fundo do templo. Os que dormiam ao pé de Plutos, ¡ com que solicitude o apertaram em seus braços ! Êles mantiveram-se acordados tôda a noite, até que o dia surgiu. Pela minha parte, não cessei de agradecer ao deus o ter restituído tão de-pressa a vista a Plutos e aumentado a cegueira de Neóclido.

A MULHER — ¡ Divino poder de Asclépios ! ¿ Mas dize-me, onde está Plutos ?

CARION — Êle vem aí ; mas cercava-o uma multidão imensa. Os homens de bem, pobres até então, abraçavam-no e saüdavam-no todos com alegria. Os ricos e os que deviam a sua fortuna à injustiça franziam as sobranceiras e tomavam um ar pesaroso. Os primeiros seguiam-no, a cabeça coroada, rindo e abençoando-o ; o chão retumbava sob os passos dos velhos marchando em cadência. Vamos, dansai todos juntos, saltai, fazei rodas : não voltarão a dizer-nos que já não há farinha no saco.

(1) Medida para líquidos, doze vezes menor que o *conge*, e que equivalia a vinte sete centilitros.

A MULHER — Por Hecate! Em paga da boa notícia que me trazes, quero entrançar uma coroa de pequenos bôlos, para ti.

CARION — Não tardes, pois; aí está tôda a malta à nossa porta.

A MULHER — Pois bem! Vou buscar as oferendas do costume para celebrar a cura do recém-vindo (1).

CARION — E eu vou ao encontro dêle.

O CÔRO — (Falta).

PLUTOS — ¡Eu te saúdo, em primeiro lugar, oh sol! ¡Salvé, terra ilustre de Palas (2), país de Cecrops (3) que me deste hospitalidade! Còrei do meu desgraçado destino. ¡Que homens eu frequentava, na minha ignorância! ¡E, sem o saber, fugia dos que eram dignos da minha amizade! ¡Desgraçado, como o êrro guiava a minha escolha pelos dois lados! Mas agora repará-lo-ei com uma conduta muito diferente e farei ver, de ora em diante, aos homens que era contra minha vontade que me deva aos perversos.

(1) O texto diz literalmente: «vou buscar efusões como para olhos comprados de novo». Refere-se ao costume de lançar nozes, figos e uvas passadas, etc., sôbre a cabeça dos escravos ou dos hóspedes que entravam pela primeira vez em casa.

(2) Palas Atenea (Minerva), símbolo da inteligência criadora.

(3) Primeiro rei da Ática a quem se atribue a fundação de Atenas.

CRÉMILO — ¡Ide-vos todos aos corvos! ¡Como nos vemos envolvidos de amigos que surgem de repente desde que nos tornámos ricos! Êles atormentam-me, esmigalham-me os ossos das pernas, à fôrça de quererem provar-me o seu zêlo. Porque, ¿quem deixou de vir saüdar-me? ¡Que multidão de velhos se juntou em volta de mim na praça!

MULHER — ¡Oh! o mais querido dos homens! Eu vos saúdo a um e outro. Mas, antes de mais nada, conforme a usança, vou espalhar estes frutos diante de ti.

PLUTOS — Não, não. Quando entro em vossa casa pela primeira vez, depois de recobrar a vista, não é próprio que leve dela alguma coisa, mas sim que traga.

MULHER — ¿Não aceitarás estes presentes?

PLUTOS — De vossa casa apenas a lareira, como é costume. Evitaremos assim um encargo ridículo; porque não é próprio de um poeta lançar aos espectadores figos e outras gulodices, para os fazer rir (1).

MULHER — Tens razão. Ah! Eis Dexínico que se preparava para se lançar sôbre os figos.

(Entram todos em casa)

(1) Como faziam alguns poetas cómicos.

O CÔRO — (Falta).

CARION — ¡ Como é bom, meus amigos (1), ser feliz, sobretudo sem ter nada que dispendir fora de casa! Todos os bens acabam de invadir a nossa habitação, ao mesmo tempo, sem que tenhamos praticado a menor injustiça. ¡ Nestas condições, enriquecer é coisa deliciosa! A arca está cheia de farinha muito branca, e as ânforas de um vinho rubro perfumado; todos os nossos cofres regor-gitam de ouro e de prata duma forma incrível. O pote está cheio de azeite, e os frascos, de essências; a fruteira está bem guarnecida de figos. Galhetas, bilhas, panelas, tôda a baixela se converteu em cobre. Os velhos pratos usados, em que se servia o peixe, são agora de prata; e a cadeira de retrete transformou-se, de repente, em marfim. Nós outros, escravos, jogamos às cruces e cunhos com estáte-ros de oiro (2); e, por sensualidade, já não nos esfregamos com pedras, mas com hastes de alho. Neste momento, meu amo com uma coroa na ca-beça, imola, em casa, um porco, um bode e um carneiro. O fumo obrigou-me a sair; não podia suportá-lo mais: picava-me os olhos.

UM HOMEM DE BEM — Vem comigo, rapaz, vamos procurar o deus.

(1) Dirige-se aos espectadores.

(2) O *estátero de oiro* valia vinte *drácmas* áticos, ou vinte cinco, segundo outros. O *estátero de prata* valia quatro *drácmas*.

CRÉMILO — Ah! ¿ Quem é êste que se adianta?

O HOMEM DE BEM — Um homem, miserável há pouco, e agora feliz.

CRÉMILO — Tu és, ao que parece, do número das pessoas de bem.

O HOMEM DE BEM — É como dizes.

CRÉMILO — ¿ Que vens fazer aqui?

O HOMEM DE BEM — Venho render graças ao deus pelos bens com que me cumulou. Tinha recebido de meu pai uma fortuna bastante grande e empregava-a a mitigar as necessidades dos meus amigos, pensando que não se podia fazer nada de melhor na vida.

CRÉMILO — Sem dúvida essa fortuna dissipou-se depressa . . .

O HOMEM DE BEM — Exacto.

CRÉMILO — ¿ E depois disso tornaste-te miserável?

O HOMEM DE BEM — De facto. Eu pensava que, se algum dia me encontrasse na necessidade, teria amigos certos naqueles que tinha socorrido no infortúnio, mas êles afastavam-se de mim e parecia não me verem.

CRÉMILO — E faziam troça de ti, estou certo disso.

O HOMEM DE BEM — Na verdade, a pobreza do meu lar deminuia-me perante êles.

CRÉMILO — Mas agora já não sucede assim.

O HOMEM DE BEM — É por isso que venho prestar graças a Plutos pelos seus benefícios.

CRÉMILO — Mas, em nome dos deuses, ¿ para quê

êsse velho manto que traz o escravo que te acompanha? Dize-me.

O HOMEM DE BEM — Venho também consagrá-lo a Plutos.

CRÉMILO — ¿É o que usavas quando foste iniciado nos grandes mistérios (1) ?

O HOMEM DE BEM — Não, mas tirei com frio treze anos, por usá-lo.

CRÉMILO — ¿E estes sapatos ?

O HOMEM DE BEM — Êles sofreram também os rigores dos invernos, comigo.

CRÉMILO — ¿Vens consagrá-los também ?

O HOMEM DE BEM — Sem dúvida.

CRÉMILO — ¡Eis os belos presentes que ofereces ao deus !

UM SICOFANTA — Desgraçado ! Estou perdido ! Ah ! cem vezes, mil vezes desgraçado ! ¡Ai de mim ! ¡Ai de mim ! ¡Quantos infortúnios me esmagam !

CRÉMILO — ¡Oh Apolo protector ! ¡Oh deuses tutelares ! ¿Que aconteceu a êste homem ?

O SICOFANTA — ¿Não será o mais atroz infortúnio êste deus ter-me feito perder tudo quanto possuía ? Ah ! Êle voltará a cegar, se ainda há alguma justiça no mundo.

(1) Os grandes mistérios, em honra de Deméter, celebravam-se em Eleusis no mês *Boedrómion*. Era costume consagrar aos deuses o vestuário do dia da iniciação, depois de usado.

O HOMEM DE BEM — Julgo compreender mais ou menos o assunto. É um homem arruinado; êle tem todo o aspecto de ser moeda fraca.

CRÉMILO — Sim, na verdade: mereceu bem a sua sorte.

O SICOFANTA — ¿ Onde está êle, onde está êle, êsse deus que prometia enriquecer-nos a todos, por si só, se recuperasse a vista? No entanto, fêz que alguns ficassem muito mais miseráveis do que eram.

CRÉMILO — ¿ Quem foi assim tão mal tratado?

O SICOFANTA — Eu próprio.

CRÉMILO — ¿ Serás tu um perverso, um ladrão?

O SICOFANTA — Não, certamente. Vós não valeis nada, nem um nem outro, e é impossível que tenhais o meu dinheiro.

CRÉMILO — Oh Demeter! ¡ que furioso sicofanta veio ter connosco!

CARION — Vê-se que êle está esfaimado.

O SICOFANTA — Vais comparecer na praça pública neste mesmo instante: a roda e as torturas far-te-ão confessar teus crimes.

CARION — ¡ Maldito sejas tu!

O HOMEM DE BEM — ¡ Por Zeus Salvador! Plutos mereceu bem de todos os gregos, visto que despreza estes malditos sicofantas.

O SICOFANTA — Que indignidade! ¿ Tu também és cúmplice do roubo e ris-te de mim? ¿ Se assim não fôsse, onde terias tu ido buscar essa indumentária nova? Ainda ontem eu te vi com um velho manto esburacado.

O HOMEM DE BEM — Não te ligo importância. Trago um anel (1) que Eudemos me vendeu por um drácma.

CRÉMILO — Mas êle não está à prova de mordedura de sicofanta.

O SICOFANTA — ¿ Não será isto um ultrage sangrento? Vós gracejais, mas não dizeis o que fazeis aqui. Não estais aí, certamente, para nada de bom.

CRÉMILO — Sem dúvida, nada de bom para ti, podes estar seguro disso.

O SICOFANTA — Ides gastar à larga à minha custa.

CRÉMILO — Isso é bom. ; Possas tu também re-bentar de inanição com o teu testemunho (2)!

O SICOFANTA — ¿ Ousais vós negá-lo, celerados? Chega-me aqui o cheiro do peixe e das carnes assadas. Hum! hum! hum! hum! hum! hum! hum! hum!

CRÉMILO — ¿ Tu sentes alguma coisa, miserável?

CARION — É talvez o frio, com o manto safado que êle traz.

O SICOFANTA — ¿ Podem lá suportar-se semelhantes coisas? ; Por Zeus e por todos os deuses! ; eu ser insultado por esta gente! Que indigni-

(1) Alusão aos anéis mágicos que se usavam para curar ou preservar das mordeduras de serpentes e outros males.

(2) Maneira de exprimir a repugnância que lhe causavam as funções de delactor, que o sicofanta exercia.

dade! ; um homem honesto, um bom cidadão, ser tratado assim!

CRÉMILO — ; Tu bom cidadão e homem honesto?

O SICOFANTA — Mais que ninguém.

CRÉMILO — Responde um pouco às minhas perguntas.

O SICOFANTA — Que é?

CRÉMILO — És lavrador?

O SICOFANTA — ; Julgas-me tão louco?

CRÉMILO — És comerciante?

O SICOFANTA — Adopto essa qualidade quando me convém (1).

CRÉMILO — Pois bem! ; Aprendeste algum ofício?

O SICOFANTA — De modo algum.

CRÉMILO — ; De que vivias tu, então, se não fazias nada?

O SICOFANTA — Vigio todos os negócios públicos e os negócios privados.

CRÉMILO — Tu? ; Com que direito?

O SICOFANTA — Porque quero.

CRÉMILO — ; Como poderias ser então um homem honesto, tu, ladrão, que te tornas odioso a toda a gente e te intrometes no que te não diz respeito?

(1) Para favorecer a expansão comercial e prover às necessidades de Atenas, os comerciantes eram dispensados do serviço militar e gozavam de outras regalias. Na *Assemblea das Mulheres* (V. 1068), uma personagem invoca a sua qualidade de comerciante para se eximir a um serviço que não lhe agradava.

o SICOFANTA — ¿ Não me diz respeito, imbecil (1), servir a pátria com todo o meu poder?

CRÉMILO — ¿ Será servir a pátria intrrometer-se nos negócios alheios?

o SICOFANTA — Sim, se se vela pelo cumprimento das leis e pela punição dos culpados.

CRÉMILO — ¿ Não serviu então para nada a cidade ter estabelecido juízes?

o SICOFANTA — ¿ Mas quem acusa?

CRÉMILO — Aquele que quiser.

o SICOFANTA — ¿ Não sou eu êsse homem? É portanto a mim que interessam os negócios do Estado.

CRÉMILO — Êles têm aí um mau ministro. ¿ Não preferias antes viver tranqüilo, sem teres tantos cuidados?

o SICOFANTA — Seria viver como um bruto, viver sem ocupação.

CRÉMILO — ¿ E tu não querias mudar de vida?

o SICOFANTA — Não, ainda que me desses o próprio Plutos e o sílfium de Batus (2).

CRÉMILO — Despe depressa a vestimenta.

(1) A palavra empregada no texto significa «gai-vota», a qual era tida como uma ave muito estúpida porque se supunha que ela gostava muito da espuma do mar e se deixava apanhar quando vinha comê-la na mão dos pescadores.

(2) A expressão «sílfium de Batus» emprega-se no sentido de coisa preciosa. A cidade de Cirene, ao norte de África, fundada por Batus, fazia um grande comércio

CARION — É contigo que se fala.

CRÉMILO — Descalça os sapatos.

CARION — É a ti que se dirige.

O SICOFANTA — Aproxime-se um pouco, aquele de vós que quiser.

CARION — Pois bem, serei eu êsse homem.

O SICOFANTA — Maldição! despojam-me em pleno dia.

CARION — Ah! ; tu queres viver dos negócios dos outros!

O SICOFANTA (*ao eu testemunho*) — ; Vês o que me estão fazendo? Tomo-te por testemunha.

CRÉMILO — O teu testemunho fugiu.

O SICOFANTA — ; Ai de mim! estou só contra todos.

CARION — Tu gritas?

O SICOFANTA — ; Mais uma vez desgraçado!

CARION — Dá-me êsse velho manto para cobrir com êle êste sicofanta.

O HOMEM DE BEM — Não; está consagrado a Plutos.

CARION — ; Onde seria êle melhor colocado que sôbre os ombros dum celerado e dum ladrão? É preciso consagrar a Plutos belas vestimentas.

O HOMEM DE BEM — ; E que se fará dos sapatos? — dize-me.

de sílfium. As moedas apresentavam a efígie de Batus recebendo numa das mãos o império e na outra o sílfium (Estrabão, XVII).

CARION — Pregar-lhos-ei à testa, como se suspendem as oferendas dos ramos de oliveira.

O SICOFANTA — Vou-me embora, porque reconheço que sou demasiado fraco, contra vós. Mas, se encontrar um companheiro, ainda que seja fraco como a madeira de figueira (1), vingarme-ei dêste deus tão forte que, só com a sua autoridade, derruba a democracia sem consultar o Senado nem a Assembleia do povo (2).

O HOMEM DE BEM — Agora que te vais embora, vestido com a minha armadura (3), corre a aquecer-te no banho e apossa-te do primeiro lugar: é um pôsto que eu ocupei, durante muito tempo.

(1) A palavra empregada refere-se ao mesmo tempo à fraca consistência da madeira e à etimologia do nome de sicofanta. Veja-se a nota da pág. 20.

(2) O Senado (*Boulé*) era constituído por quinhentos membros, depois da reforma de Clístenes, os quais representavam os *demoi*, proporcionalmente à sua importância, correspondendo cinquenta a cada uma das dez tribus que formavam a cidade. Mas a soberania da cidade residia na Assembleia do povo (*Eclésia*), constituída por todos os cidadãos maiores de dezóito anos. Todavia, como estes deviam prestar dois anos de serviço militar, só aos vinte começavam, de facto, a frequentar a Pnix, onde se efectuavam as reuniões da *Eclésia*. Segundo o Escoliasta, «tôdas as deliberações do Senado eram levadas, em seguida, à aprovação do povo; e, por outro lado, tudo o que o povo decretava devia ser sancionado pelo Senado».

(3) Refere-se ao seu velho manto e sapatos.

CRÉMILO — Mas o banheiro pô-lo-á na rua, pegando-lhe pelos testículos porque êle, assim que o vir, reconhecerá logo que é um patife. E nós, entremos, para que tu dirijas as tuas súplicas ao deus.

O CÔRO — (Falta).

UMA VELHA — Bons velhos! ¿Cheguei, realmente, à casa do novo deus, ou ter-me-ia enganado no caminho?

O CÔRO — Estás mesmo à porta, minha bela criança; não podias dirigir-te com mais precisão.

A VELHA — Vejamos. É preciso que chame alguém da casa.

CRÉMILO — É desnecessário: estou eu próprio aqui. Dize-nos o motivo que te traz.

A VELHA — O que me aconteceu, meu caro, é indigno, revoltante. Depois que êste deus recobrou a vista, tornou-me a vida insuportável.

CRÉMILO — Porquê? ¿Serás, porventura um sicofanta fêmea?

A VELHA — Não, na verdade.

CRÉMILO — ¿É que a sorte não te favoreceu para beberes?

A VELHA — Tu gracejas; e a mim, desgraçada, devora-me a paixão.

CRÉMILO — ¿Não nos dirás que paixão é essa que te consome?

A VELHA — Escuta. Eu amava um mancebo pobre, é verdade, mas belo, elegante e honesto.

Se lhe pedia alguma coisa, fazia-a com solicitude e o melhor possível; e em compensação eu pagava-lhe.

CRÉMILO — ¿ Que te pedia êle?

A VELHA — Coisa pouca, porque era, comigo, de uma reserva extraordinária. Umaz vezes, eram vinte drácmas para comprar um fato; outras, oito para adquirir sapatos; era uma túnica para as irmãs, ou um vestido para a mãe; algumas vezes, era para comprar quatro *médimnos* (1) de trigo.

CRÉMILO — Com efeito, é bagatela: evidentemente êle era pouco exigente.

A VELHA — Não era o interêsse, dizia êle, que o levava a pedir-me qualquer coisa, mas sòmente a amizade. Queria que o manto que usasse o fizesse lembrar de mim constantemente.

CRÉMILO — O amor dêsse jovem é, realmente, extraordinário.

A VELHA — Mas o pérfido já não é o mesmo para mim; os seus sentimentos mudaram muito. Enviei-lhe êste bolo com outras gulodices, neste prato, e mandei-lhe dizer que iria à tarde...

CRÉMILO — Muito bem! Que fêz êle?

A VELHA — Enviou-me êste outro bolo, com a condição de o não procurar mais; e, além disso,

(1) Medida de capacidade. Um *médimno* equivalia a três *triteus*, seis *hecteus*, doze *hemiection*, quarenta e oito *chenix*, ou sejam, cincoenta e um *litros*.

mandou-me dizer que « os Milesianos tinham sido valentes, outrora » (1).

CRÉMILO — Parece que o rapaz não é tolo. Agora, que é rico, já não gosta de lentilhas, mas, quando era pobre, comia de tudo.

A VELHA — Então, invoco o testemunho de Deméter, êle não me largava a porta.

CRÉMILO — ¿ Para te arrebatat ?

A VELHA — Não : pelo simples prazer de ouvir a minha voz.

CRÉMILO — E também na mira de receber alguma coisa.

A VELHA — Se me via triste, chamava-me ternamente « minha patinha, minha pombinha ».

CRÉMILO — E em seguida pedia-te dinheiro para sapatos . . .

A VELHA — Um dia em que eu ia de carro à celebração dos grandes mistérios (2), êle bateu-me todo o dia, por alguém ter olhado para mim — ¡ tão ciumento era êsse jovem !

CRÉMILO — Era, sem dúvida, porque preferia comer só.

(1) Resposta dada pelo oráculo a Polícrates, tirano de Samos, a respeito da decadência dos Milesianos que anteriormente tinham estado à frente das cidades da Jónia. Aplicada à velha, refere-se também à sua decadência física.

(2) Para tomarem parte na celebração dos grandes mistérios, as mulheres ricas faziam conduzir-se a Eleusis em carros puxados por cavalos.

A VELHA — Êle gabava muito a beleza das minhas mãos.

CRÉMILO — Quando elas lhe apresentavam vinte drácmas.

A VELHA — Êle embriagava-se com as deliciosas emanções do meu corpo.

CRÉMILO — Seguramente, quando lhe servias Tasos (1).

A VELHA — Êle admirava o meu olhar tão doce e tão terno.

CRÉMILO — Não era nada inepto; entendia-se bem a explorar uma velha louca impudente.

A VELHA — O deus andou mal, portanto, meu caro, êle que prometia tomar sempre o partido das vítimas da injustiça.

CRÉMILO — ¿Que queres tu que êle faça? Dize, — e êle fá-lo-á.

A VELHA — Ê justo obrigar aquele que recebeu de mim tantos benefícios a pagar-me as tornas; de outro modo é indigno de receber qualquer favor do deus.

CRÉMILO — ¿Não se desonerava êle, para contigo, cada noite?

A VELHA — Mas êle prometia não me abandonar nunca, enquanto eu vivesse.

CRÉMILO — Muito bem, mas êle já não te considera viva.

(1) Tasos, ilha ao sul da Trácia, cujo vinho era afamado.

A VELHA — Na verdade, meu caro, o desgosto tem-me consumido.

CRÉMILO — Mais do que isso; estás em decomposição.

A VELHA — Far-me-iam passar por um anel (1).

CRÉMILO — Sim, se êste anel fôsse o círculo de um crivo.

A VELHA — Mas ei-lo, precisamente, o jovem de quem tenho que lamentar-me. Tem o aspecto de quem vai a algum lugar de prazer.

CRÉMILO — Com efeito, leva uma coroa e um facho.

O RAPAZ — Salvé!

A VELHA — ¿ Que diz êle?

O RAPAZ — Minha velha amiga, os teus cabelos embranqueceram em muito pouco tempo.

A VELHA — Infeliz. ¿ Poder-se-á ser mais indignamente ultrajada?

CRÉMILO — Parece que êle já não te vê há muito.

A VELHA — Há muito? Ainda ontem estive em minha casa.

CRÉMILO — Com êle acontece o contrário do que aos outros: a embriaguês torna-lhe a vista penetrante.

A VELHA — Não. Mas é o seu carácter ser insolente.

O RAPAZ — ¡ Oh Poseidon, soberano dos mares,

(1) Alusão à sua magreza.

oh velhas divindades, quantas rugas no seu rosto!

A VELHA — Eia! Não aproximes essa tocha.

CRÉMILO — Tem razão; bastava que uma faúlha caísse sôbre ela para que o fogo lhe pegasse, como a um ramo sêco de oliveira.

O RAPAZ — ¿Queres jogar comigo um momento?

A VELHA — Onde? perverso.

O RAPAZ — Aqui, com nozes.

A VELHA — ¿A que jogo?

O RAPAZ — A adivinhar o número dos teus dentes.

CRÉMILO — Eu também sou capaz de adivinhar: ela tem três, ou talvez quatro.

O RAPAZ — Perdeste; não tem senão um, grande.

A VELHA — Malvado, ¿tu endoideceste: lavares-me assim a cabeça (1) diante de tôda a gente?

O RAPAZ — Seria uma felicidade para ti que se lavasse tôda a tua pessoa.

CRÉMILO — Não, que ela está tôda disfarçada: se se lavasse êsse alvaiade, as rugas da cara causariam admiração a todos os olhos.

A VELHA — Ainda que sejas velho, pareces bem pouco sábio.

O RAPAZ — Ah! Ei-la que te requesta, acaricia-te a garganta. Ela pensa que eu não vejo.

A VELHA — Não, por Afrodite! Não, infame!

CRÉMILO — ¡Não, por Hécate! Só se fôsse

(1) Metáfora que significa *injuriar*, mas que é, a seguir, tomada à letra.

louco. Mas, rapaz, não posso perdoar-te o odiares esta linda pequenã.

O RAPAZ — Eu? Adoro-a.

CRÉMILO — No entanto, ela acusa-te.

O RAPAZ — ¿ De que me acusa ela?

CRÉMILO — Diz que tu a ultrajas e que acrescentas : « Os Milesianos eram valentes outrora. »

O RAPAZ — Eu não pretendo disputar-ta.

CRÉMILO — Porquê?

O RAPAZ — Por respeito à tua idade. Seguramente, não suportaria isso a mais ninguém, mas tu podes-te ir embora satisfeito, levando contigo essa beldade.

CRÉMILO — Percebo, percebo : não queres viver mais com ela.

A VELHA — ¿ E quem o sofrerá?

O RAPAZ — Eu não podia viver com uma velha que se prostitue há mais de treze mil anos (1).

CRÉMILO — Todavia, se bebeste o vinho, é preciso beber também a bôrra.

O RAPAZ — Mas esta bôrra é velha e bolorenta.

CRÉMILO — ¿ O passador não corrigirá tudo isso?

O RAPAZ — Mas entremos; quero oferecer ao deus as coroas que trago.

A VELHA — Eu tenho também alguma coisa a dizer-lhe.

O RAPAZ — Então não entro eu.

(1) A expressão empregada em grego significa ao mesmo tempo « treze mil anos » e « treze mil amantes ».

CRÉMILO — Não tenhas receio, entra: ela não te violenta.

O RAPAZ — Tens razão. Tive-a bastante tempo à minha disposição.

A VELHA — Entra; eu sigo-te.

CRÉMILO — Oh Zeus! esta velha está tão agarada a êste mancebo, como a ostra ao rochedo.

O CÔRO — (Falta).

CARION — ¿ Quem bate à porta? Quem é? Não aparece ninguém; é a porta só que faz êste barulho.

HERMES — Olá! Carion, espera.

CARION — Oh! Dize-me: ¿ foste tu que bateste com tanta fôrça?

HERMES — Não; ia fazê-lo quando tu te antecipaste abrindo. Vai chamar depressa teu amo, sua mulher, seus filhos, os criados, o cão, o porco, tôda a família; e tu próprio com ela.

CARION — Que há? Fala.

HERMES — Meu pobre rapaz, Zeus resolveu metter-nos a todos no mesmo prato e lançar-nos juntos ao Báratro.

CARION — É o caso de cortar uma língua (1) ao portador de tais notícias. ¿ Mas porque quiere fazer-nos isso?

HERMES — Porque cometestes o mais abominá-

(1) A frase tem um duplo sentido visto ser costume oferecer a Hermes as línguas das vítimas — tributo ao deus da eloquência.

vel de todos os atentados. Desde que restituistes a vista a Plutos não mais se nos oferece incenso, nem ramos de loureiro, nem bolos, nem vítimas, nem o menor presente.

CARION — E ninguém vo-lo oferecerá, porque antigamente vós não pensáveis sequer em nós.

HERMES — Pelo que respeita aos outros deuses, não me preocupo nada, mas eu estou extenuado, quási morto.

CARION — Tu vês bem as coisas.

HERMES — Outrora, nas tabernas, recebia, desde manhã, tôdas as espécies de iguarias delicadas, bolos com vinho, mel, figos, emfim, tudo aquilo com que se pode regalar Hermes. Agora morro de fome e deito-me com as pernas cruzadas.

CARION — ¿ Não o mereces, tu que muitas vezes não poupavas males às pessoas que te tratavam bem?

HERMES — ¡ Oh! excelentes bolos que se amassavam para mim, no quarto dia do mês (1)!

CARION — Êsse feliz tempo não volta. Em vão tu o recordas (2).

HERMES — ¡ Oh perna (3) assada, que eu devorava!

(1) O 4.º dia do mês era consagrado a Hermes.

(2) Frase proverbial que se supunha ter sido dirigida a Heracles, por uma voz desconhecida, quando êle procurava Hilas.

(3) Parte da vítima consagrada a Hermes.

CARION — Pois bem ! Esperneia aqui em pleno ar.

HERMES — Entranhas ainda quentes que eu devorava !

CARION — Parece que é uma cólica das entranhas que te atormenta.

HERMES — ¡Oh copo onde o vinho e a água eram misturados em partes iguais !

CARION — Engole êste e safa-te depressa.

HERMES — ¿ Serias tu, homem para favorecer um amigo ?

CARION — Se o que êle pede me é possível.

HERMES — ¿ Não poderias dar-me um pão bem cozido, com um bom naco de carne das vítimas que imolastes ?

CARION — Isso é proibido.

HERMES — Contudo, quando roubavas alguma coisa a teu amo, eu tinha bastante cuidado para que êle não desse por nada (1).

CARION — Sim, para receberes a tua parte, grande ladrão : isso rendia-te um bôlo grande.

HERMES — Que tu comias sòzinho.

CARION — Tu também não partilhavas das bordoadas, quando eu era apanhado em flagrante.

HERMES — Não recordes mais os males passados, visto que tomaste Filéa (2). ¡ Em nome dos deuses ! recebei-me em vossa casa.

(4) Hermes era tido como protector dos ladrões.

(5) Alusão à tomada da praça forte de Filéa, por Trásibulo, um ano antes de ter libertado Atenas da tirania

CARION — Quê! ¿ Tu abandonarás os deuses para ficar aqui?

HERMES — A vossa condição é muito preferível.

CARION — Mas, dize-me ¿ crês tu que seja honesto desertar assim?

HERMES — A pátria existe onde quer que se encontre a felicidade.

CARION — ¿ Para que servirias tu, se ficasses conosco?

CARION — Encarregai-me de rodar a porta (1). (Chamai-me porteiro).

CARION — Rodar? Nós não queremos homens de rodeios.

HERMES — Chama-me negociante (2).

CARION — Somos ricos. ¿ Para que temos necessidade de sustentar um Hermes revendilhão?

HERMES — Pois bem, agente de intrigas.

CARION — Agente de intrigas? Não. Não temos necessidade de intrigas: basta-nos a boa-fé.

HERMES — Tomai-me por guia.

dos Trinta e de ter concedido uma ampla amnistia pacificadora. Os vencedores tomaram o compromisso de esquecer os agravos sofridos. Assim a tomada de Filéa foi o ponto de partida para o desaparecimento das dissensões entre o partido oligárquico e o democrático.

(1) A estátua de Hermes era colocada, nas habitações, perto da porta.

(2) Hermes oferece os seus serviços em harmonia com os caracteres que lhe atribuíam.

CARION — Mas Plutos vê claro; não temos necessidade de guia.

HERMES — Então presidirei aos jogos. Que te parece? Convém absolutamente a Plutos fazer celebrar jogos para o corpo e para o espírito (1).

CARION — ¡ Como é bom ter muitos nomes! Ei-lo que encontrou os meios de subsistência. Não é sem razão que os juizes procuram inscrever-se em vários tribunais.

HERMES — ¿ Querem receber-me, nesta qualidade?

CARION — Entra e vai ao poço lavar as entranhas das vítimas para mostrares imediatamente que entendes do serviço.

UM SACERDOTE DE ZEUS — ¿ Quem pode ensinar-me onde mora Crémilo?

CRÉMILO — ¿ Que há, meu caro?

O SACERDOTE — Nada de bom. Desde que Plutos vê claro, morro de fome. Não tenho nada que comer, eu, sacerdote de Zeus Salvador.

CRÉMILO — Bons dias! ¿ Qual pode ser a causa disso?

O SACERDOTE — Ninguém já quiere sacrificar.

CRÉMILO — E porquê?

O SACERDOTE — Porque tôda a gente é rica. No tempo em que eram pobres, se um comerciante

(1) As despesas dos jogos públicos ficavam a cargo dos cidadãos mais ricos.

havia escapado ao perigo da travessia, ou um acusado era absolvido, imolava vítimas; outro fazia um sacrifício pomposo e convidava o sacerdote. Mas agora ninguém sacrifica, ninguém vai ao templo senão os milhares que querem fazer as suas necessidades.

CARION — Pois bem, ¿ Não recebes tu a parte que te é reservada ?

O SACERDOTE — Também resolvi despedir-me de Zeus Salvador, para vir estabelecer-me aqui.

CRÉMILO — Está descansado; os teus negócios hão-de correr bem, se Deus quiser. Zeus Salvador está aqui; veio por si próprio.

O SACERDOTE — ¡ Mas que feliz notícia !

CRÉMILO — Espera um pouco. Vamos pôr Plutos no lugar de Zeus quando êle guardava o tesouro da deusa (1). Que tragam aqui tochas acesas. Levá-las-ás tu diante do deus.

O SACERDOTE — Sim, tudo isso é muito bem entendido.

CRÉMILO — Que façam vir Plutos.

A VELHA — ¿ E eu que devo fazer ?

CRÉMILO — Põe estas panelas (2) à cabeça para

(1) O tesouro de Atenas era guardado, por detrás do templo de Atenea, num recinto fortificado — o *epistodómio*.

(2) Era costume oferecer, aos deuses, panelas cheias de legumes cozidos. O 3.º dia das *Antestérias*, era mesmo designado pelo nome de Festa das Panelas.



a consagração do deus e leva-as com ar solene: tu tens justamente um vestido de diversas côres (3).

A VELHA — ¿E o negócio pelo qual eu vim?

CRÉMILLO — Tudo se arranjará. O mancebo irá a tua casa esta tarde.

A VELHA — Se me asseguras que êle irá a minha casa, levarei as panelas.

CARION — Estas panelas não são como as outras: ordinariamente as rugas (4) ficam ao de cima, mas aqui estão por baixo.

O CÔRO — E nós também, retiremo-nos. Já não podíamos conservar-nos aqui. Sigamo-los, acompanhando-os com os nossos cantos.

(3) Vestuário de gala.

(4) A palavra grega significa, ao mesmo tempo, «uma velha» e a película que se forma e enruga à superfície do leite, quando se aquece.



ERRATAS

Pág. 42, nota 1, onde está *óbulos*, leia-se *óbolos*.

Pág. 42, nota 2, onde está *dos Miernas*, leia-se *de Micenas*.

Pág. 46, linha 11, onde está *a deus*, leia-se *o deus*.

Pág. 63, linha 21, onde está *deva*, leia-se *dava*.

Cadernos da SEARA NOVA

Já publicados:

SECÇÃO DE ESTUDOS LITERÁRIOS

- Ruál Brandão*, por CASTELO BRANCO CHAVES (2850).
Teixeira Gomes, por CASTELO BRANCO CHAVES (2850).
Da Obra de Vargas Villa, por FARIA GAYO... (3800).
Castilho, por CASTELO BRANCO CHAVES..... (3800).
Oliveira Martins, por G. LE GENTIL (3800).
«Plutos», por ARISTÓFANES, tradução e notas de
ALVARO LOBO VILELA (3800).

SECÇÃO DE ESTUDOS FILOSÓFICOS E CIENTÍFICOS

- Galileu Galilei*, por BENTO DE JESUS CARAÇA (3800).

SECÇÃO DE TEXTOS FILOSÓFICOS

- Criton*, por PLATÃO, trad. AGOSTINHO DA SILVA (2850).

SECÇÃO DE ESTUDOS POLÍTICOS E SOCIAIS

- Eliseu Reclus*, por EMÍLIO COSTA (3800).
Democracia, por ANTÓNIO SÉRGIO (2850).

SECÇÃO DE ESTUDOS ECONÓMICOS

- O comércio dos resinosos*, por M. AZEVEDO GOMES (2850)

SECÇÃO DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS

- A política do idioma e as Universidades*, por RODRIGUES LAPA (2850).

VÁRIA

- Glossas*, por AGOSTINHO DA SILVA, três opúsculos (1800, 1850, 1850).

POR ASSINATURA

6 números	12850
12 »	22850